

André Schmitz

## **A PASTORAL URBANA NOS TEMPOS DO PAPA FRANCISCO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
submetido ao Curso de Teologia da  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
para a obtenção do Grau de Bacharel  
em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Vitor Galdino  
Feller

Florianópolis  
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Dom Afonso Niehues da FACASC.

Schmitz, André

A pastoral urbana nos tempos do Papa Francisco /  
André Schmitz; Orientador: Vitor Galdino Feller;  
Florianópolis, SC, 2023.

78 p.

TCC (Graduação - Teologia) - Faculdade Católica de  
Santa Catarina.

Inclui referências:

1. Pastoral Urbana 2. Francisco, Papa 3. Igreja sem  
Saída 4. Evangelização. II. Título.



André Schmitz

### A pastoral urbana nos tempos do Papa Francisco

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 08 de agosto de 2023.

Prof. Dr. Edson Adolfo Deretti  
Coordenador do Curso

#### Banca Examinadora:

Prof. Dr. Vitor Galdino Feller  
Faculdade Católica de Santa Catarina Orientador(a)

Prof. Dr. Kelvin Borges Konz  
Faculdade Católica de Santa Catarina Avaliador(a)

Prof. Esp. Clóvis Martins  
Faculdade Católica de Santa Catarina Avaliador (a)



À minha família, berço da minha fé católica e fonte da minha vocação; e à todas as cidades da Arquidiocese de Florianópolis.



## AGRADECIMENTOS

Agradeço, acima de tudo, a Deus pelo dom da vida, pela vocação à qual me chamou e por me sustentar na caminhada formativa.

Agradeço aos meus pais, Olene e Genesio, a minha irmã Gorete e seu esposo Patrick, e a minha sobrinha Maria Isis, por seu incentivo, apoio e presença amorosa.

Agradeço à Santa Igreja Católica, que me forma e acolhe como filho.

Agradeço ao Seminário Teológico Convívio Emaús, aos padres formadores, orientadores espirituais, colaboradores, que me acompanharam até o momento e me ajudaram a configurar-me ao Cristo, o Bom Pastor.

Agradeço aos professores da Faculdade Católica de Santa Catarina, especialmente o professor Dr. Pe. Vitor Galdino Feller, meu orientador, pelo auxílio prestado nesta pesquisa.

Agradeço a todos que fazem parte de minha vida e me ajudaram a chegar até aqui, muito obrigado!





Como poderiam invocar aquele em quem não  
creram? E como poderiam crer naquele que não  
ouviram? E como poderiam ouvir sem pregador? E  
como podem pregar se não foram enviados?  
(Romanos 10,14-15)



## RESUMO

O presente trabalho foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica com foco na área teológico-pastoral. Tem como objetivo geral compreender as dificuldades da evangelização nas grandes cidades hodiernas. Sua estrutura está organizada em três capítulos. No primeiro, apresenta-se uma relação entre a cidade e a cultura urbana com a Igreja. Trata dos grandes desafios dos tempos modernos em relação a comunicação enfraquecida e a mudança brusca dos costumes. Também se falou das dificuldades da evangelização perante a cultura do descartável e da multiculturalidade que enfraquece a identidade. No segundo capítulo, apresenta-se algumas reflexões de diversos autores e documentos do Papa Francisco que lançam luz às barreiras das complicações urbanas. Também se tratou da Teologia do Povo, como base para o movimento reflexivo que guia ações e meditações da Pastoral Urbana no Papa Francisco. No terceiro, apresenta-se um panorama com pistas de ações e indicações pastorais que colocam a Igreja em contato e comunhão com a cidade. Este trabalho almeja mostrar que a cidade é local de evangelização. Quer conduzir à tomada de consciência da emergente conversão pastoral, necessária para que o Evangelho seja comunicado e adotado na e pela cultura urbana.

**Palavras-chave:** Pastoral Urbana. Papa Francisco. Igreja em saída.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CDSI – *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*

DAP – *Documento de Aparecida.*

EG – *Evangelii Gaundium.*

EN – *Evangelii Nuntiandi.*

FT – *Fratelli Tutti.*

GE – *Gaudete et Exsultate*

GS – *Gaudium et Spes.*

Jo – *Evangelho Segundo João.*

Lc – *Evangelho Segundo Lucas.*

Mt – *Evangelho Segundo Mateus.*

QA – *Querida Amazônia.*



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
<b>1 DESAFIOS DA PASTORAL URBANA</b> .....	<b>21</b>
1.1 CONTEXTO URBANO.....	22
<b>1.1.1 Fenômeno da Secularização</b> .....	<b>24</b>
<b>1.1.2 Globalização e desafio de formar comunidade</b> .....	<b>26</b>
<b>1.1.3 Multiculturalismo</b> .....	<b>27</b>
1.2 PERIFERIAS EXISTENCIAIS E OS POBRES URBANOS .....	29
<b>2 PASTOREAR NA CIDADE</b> .....	<b>33</b>
2.1 IGREJA E CIDADE .....	34
2.2 TEOLOGIA DO POVO.....	40
<b>2.2.1 Religiosidade Popular</b> .....	<b>42</b>
<b>2.2.2 Inculturação</b> .....	<b>45</b>
2.3 URGÊNCIA POR UMA NOVA EVANGELIZAÇÃO QUERIGMÁTICA .....	48
2.4 COMUNIDADE.....	51
<b>3 IGREJA EM SAÍDA</b> .....	<b>57</b>
3.1 SER IGREJA QUE “PRIMEIREIA” .....	58
3.2 SAIR E FACILITAR .....	59
3.3 ESTAR PRESENTE.....	63
3.4 ACOLHER E ENVOLVER.....	64
3.5 CUIDAR DA CASA COMUM .....	66
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>71</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>75</b>





## INTRODUÇÃO

Em tempos hodiernos, a maior parte da humanidade tem seu cotidiano vivido nos grandes conglomerados urbanos das cidades. Ali moram, trabalham, entretêm-se e convivem. Também nela vivem sua religiosidade. A realidade da cidade atinge o ser humano todo, causando profundas e ininterruptas mudanças em todo o contexto sociocultural e religioso. Essa cultura urbana exige, por parte da Igreja, uma pastoral de características urbanas. Não se trata de criar uma pastoral absolutamente do nada. Seus principais elementos já existem, mas devem ser aceitos e colocados em prática.

O Santo Padre, o Papa Francisco, desde o início de seu pontificado em 2013, tem dado ênfase à importância da pastoral urbana e tem chamado a atenção para os desafios enfrentados pelas pessoas que vivem nas cidades. Ele tem falado sobre a necessidade de uma "conversão pastoral" para uma abordagem mais inclusiva, que leve em conta as realidades urbanas e busque formas de promover a justiça social, a solidariedade, a promoção da fé católica e o cuidado com o meio ambiente nas áreas urbanas. Em sua história e bibliografia, especialmente nos documentos de seu pontificado, encontramos acentuada atenção à realidade urbana no pensar pastoral cotidiano da Igreja por ele querida.

Muitas foram as mudanças que a sociedade enfrentou ao longo da história da humanidade. Conceitos e paradigmas humanos sofreram alterações significativas: a maneira de lidar com o tempo, as estruturas organizacionais, a funcionalidade da economia, entre tantas outras coisas. O tradicional conceito de paróquia que englobava a práxis pastoral da Igreja vê-se necessitado de se adaptar, a partir do diálogo, aos moldes da cidade. A mentalidade tradicional e histórica precisa aprender a interagir com a cultura da velocidade acelerada da cultura cidadina atual.

Francisco é um Papa de metrópole, urbano, que vai de Buenos Aires a Roma. Em seu pontificado, vê-se claramente o modo de pensar a Igreja partindo do experiencial das metrópoles. Bergoglio não é um sacerdote aos moldes rurais, de aldeia, mas sim, de uma mentalidade urbana que busca conhecer suas ovelhas no dia a dia da cidade.

A "Teologia do Povo", muito associada, tanto a Pastoral Urbana, quanto ao Papa Francisco, desenvolveu-se na Argentina como uma corrente teológica que busca a compreensão da fé cristã a partir da perspectiva do povo. Ela enfatiza a religiosidade popular, a experiência de fé do povo, suas expressões culturais e sua sabedoria espiritual. Valoriza a simplicidade do povo de Deus que vive sua fé em expressões

cotidianas, que somente podem ser compreendidas a partir da proximidade com elas.

Assim, o presente trabalho pretende estabelecer pesquisa para responder a questão fundamental a ser enfrentada pela Pastoral Urbana, que é o paradoxo de uma Igreja que nasce e se forma nas cidades e, hoje, possui grande dificuldade de estabelecer diálogo com elas.

O primeiro capítulo busca o entendimento dos desafios que a grande cidade apresenta para a fé cristã. Eles devem despertar o interesse da Igreja pelas pessoas cidadinas. O Papa afirma que a Igreja não deve ser apenas uma peregrina que passa pela cidade. Não deve ser uma entidade caritativa que vai para os grandes centros distribuir alimentos e acolher desabrigados. Ela quer, e precisa, envolver-se nas questões que levam ao sofrimento; que causam abandono de vidas; que colocam pessoas em situações de periferias existenciais; e, ainda, que levam à morte da fé em meio a tantas vazias opções de espiritualidades. Abaixa-se e abraça a cultura e o modo de vida nas cidades.

O segundo capítulo desta pesquisa aponta para cidade como casa de Deus. A Igreja e a cidade não são coisas opostas. Na história do ocidente, desde Jesus Cristo, salta-nos aos olhos o quanto ela participa efetivamente do crescimento das grandes cidades. A Teologia do Povo, ao perceber isso, nota a necessidade de sair dos púlpitos para anunciar o Evangelho. Não o fazer apenas com pregações, mas com comunicação. Uma Igreja que fala, mas se interessa por ouvir também. A pastoral das grandes cidades entende a importância da inculturação do Evangelho e da religiosidade que está presente nelas.

O terceiro capítulo, a partir do que se viu anteriormente, expõe que a Igreja deve estar sempre numa atitude de saída em relação a cidade. Sair de dentro das paredes do templo e ser presença que acolhe com misericórdia e caridade. Deve se envolver com as questões pertinentes ao povo todo das cidades. Sem esta disposição, não ganhará atenção para o que ela tem a dizer. Diante deste chamado ela assume o compromisso com seus pobres urbanos, com as pessoas que sofrem e com toda a questão ecológica que não pode passar despercebida na necessidade de uma conversão pastoral.

A pesquisa que aqui se propõe, busca a compreensão de que a pastoral das grandes cidades não encontra apenas desafios para a evangelização. Mas percebe que elas apresentam uma generosa oportunidade para que a Igreja seja reconhecida na cidade.

Para a elaboração deste trabalho de pesquisa bibliográfica, foram buscados diversos autores na área da Pastoral Urbana, nos tempos de

Francisco. Recorreu-se a documentos e falas do Santo Padre. bem como, artigos científicos e revistas teológicas.



## 1 DESAFIOS DA PASTORAL URBANA

No momento histórico hodierno a humanidade é predominantemente urbana. Como resultado da migração do meio rural para as cidades, vemos as grandes metrópoles. Uma realidade que atinge o ser humano causando profundas e ininterruptas mudanças em todo o contexto sociocultural. A vida da cidade exige, por parte da Igreja Católica, um olhar de inculturação que a abrace e a acolha como meio propício para a evangelização. Essa missão confiada pelo próprio Senhor Jesus Cristo à sua Igreja exige de seus pastores desdobramentos criativos que facilitem e tornem fecunda a pastoral.

As cidades são dinâmicas em sua estrutura. Estão, ainda, constantemente sofrendo transformações. Fazendo surgir o grande desafio de um pastoreio eficaz por uma Igreja marcadamente tradicional e cautelosa em suas mudanças.<sup>1</sup> Eis a dialética de uma Igreja que nasce em cidades e enfrenta dificuldades para conviver e evangelizar nelas nos dias de hoje.

O Concílio Vaticano II apareceu para o mundo como uma aurora, nascida da autocrítica, que trouxe a realidade do mundo todo e de todo o mundo para a discussão eclesiológica. Com desejo de alcançar as ovelhas mais diversas do imenso redil, entendeu que “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo”.<sup>2</sup> O Espírito Santo ilumina todas as diversas manifestações da realidade humana como local da presença de Deus. Nelas a Igreja necessita estar inserida e aberta a acolher através do diálogo e da misericórdia.

No discurso do Santo Padre, o Papa Francisco, por ocasião do Congresso Internacional de Pastoral das Grandes Cidades, ocorrido em Barcelona em novembro de 2014, dizia:

Falar-vos-ei a partir de minha experiência pessoal, de alguém que foi pastor de uma cidade populosa e multicultural como Buenos Aires. [...] Ao meditar

---

<sup>1</sup> ORIOLO, Dom Edson. **Evangelização nas Cidades**: Raízes na teologia do povo. São Paulo: Paulus, 2019. p. 16.

<sup>2</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. **Constituição Pastoral Gaudium et Spes**. In: COSTA, Lourenço (Org). Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004, p. 539-661. p. cit. 552; GS 01.

convosco, desejo entrar nessa “corrente” para abrir novos caminhos, mas também quero ajudar a avaliar possíveis temores, que de certo modo todos nós temos, e que nos confundem e paralisam.<sup>3</sup>

Francisco é um Papa de metrópole, urbano, que vai de Buenos Aires à Roma. Em seu pontificado vê-se claramente o modo de pensar a Igreja partindo do experiencial das metrópoles. Bergoglio não é um sacerdote aos moldes rurais, de aldeia, mas sim, de uma mentalidade urbana que busca conhecer suas ovelhas no dia a dia da cidade.<sup>4</sup> Oferece para a Igreja pistas de ação pastoral para uma verdadeira conversão da prática paroquial que a faça ser reconhecida na cidade como sinal de esperança e semeadora do Reino. A presença e ação eclesial na cidade, a pastoral urbana, busca um novo olhar para a práxis missionária na movimentada e diversificada vida urbana, onde Igreja não deve esperar uma resposta única, pronta e fechada.

## 1.1 CONTEXTO URBANO

Se é no meio urbano que encontramos a maior parte das pessoas, ali deve-se desenvolver uma ação evangelizadora conhecedora desta realidade. Toda mudança nos retira do comodismo e impulsiona para a ação, sob a necessidade de oferecer respostas aos desafios que o próprio movimento exige. A Igreja conduziu seu pastoreio com critérios rurais por muitos séculos. O advento das grandes metrópoles faz com que os pastores se debruçam em pensar uma pastoral urbana que faça ser eficaz e notória a presença da Igreja neste meio.

A palavra “urbano” tem origem latina, que significa “pertencente à cidade”. Também “pólis”, do grego, refere-se a uma cidade comandada por homens livres que se ocupam dos assuntos considerados públicos.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> FRANCISCO. **Discurso do Papa Francisco aos Participantes no Congresso Internacional de Pastoral das Grandes Cidades**. Roma, 27 nov. 2014. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papafrancesco\\_20141127\\_pastorale-grandi-citta.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papafrancesco_20141127_pastorale-grandi-citta.html)>. Acesso em: 05 out. 2022.

<sup>4</sup> BORGHESI, Massimo. **Jorge Mario Bergoglio: uma biografia intelectual: Dialética e Mística**. Tradução de Frei Ary E. Pintarelli, ofm. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 18.

<sup>5</sup> RODRIGUES, Solange S.. O Mundo Urbano: Um universo plural, diverso, complexo. In: BRIGHENTI, Agenor; AQUINO, Francisco Jr. (Orgs.). **Pastoral**

O que entendemos por urbano ultrapassa a cidade enquanto limite geográfico. É um fenômeno multidimensional que transcende demarcações e divisas territoriais. É um laboratório experimental das transformações modernas.<sup>6</sup> Os pastores que guiam os fiéis das grandes cidades devem considerar a possibilidade de desenvolverem uma pastoral que acolha informações e experimentos sociais das diversas áreas do conhecimento.

A revolução industrial do século XVIII impulsionou a produção industrial, exigindo aumento de disponibilidade de mão de obra. Muitas pessoas viram aí uma situação de vida mais propícia do que aquela oferecida no trabalho dos campos. As cidades, onde a maioria das indústrias se instalaram ou se formaram, viram seu crescimento aumentar exponencialmente. Como consequência vimos o êxodo rural se tornar uma realidade. O fenômeno da urbanização advinda desse movimento da população para as cidades se tornou um grande problema para a evangelização. Profundas mudanças pessoais, sociais, religiosas e morais atingiram a vida dos cidadãos.

Grande erro é o pensamento bastante comum de que na cidade encontramos menos disposição para a vida religiosa ativa. Com frequência ouve-se dizer que nas comunidades interioranas, de tempos passados, percebia-se mais a presença da fé nas pessoas. O Papa Francisco nos diz que Deus vive nas cidades.

Precisamos identificar a cidade a partir de um olhar contemplativo, isto é, um olhar de fé que descubra Deus, que habita nas suas casas, nas suas ruas, nas suas praças. [...] ele vive entre os cidadãos promovendo a solidariedade, a fraternidade, o desejo de bem, de verdade, de justiça.<sup>7</sup>

É uma presença que deve ser descoberta. O Evangelizador não precisa ir como quem vai levar Deus. Ele já está lá. Em cada cidadão que busca por espiritualidade, que tem sede Dele, vemos a revelação

---

**Urbana:** Novos Caminhos para a Igreja nas Cidades. Petrópolis: Vozes, 2021. p. 15-33. p. cit. 15.

<sup>6</sup> GALLI, Carlos María. **Dios vive em la ciudad:** Hacia una nueva Pastoral Urbana a la luz de Aparecida y del proyecto misionero de Francisco. Buenos Aires: Agape Libros, 2011. p. 41.

<sup>7</sup> FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium:** sobre o Evangelho no mundo atual. Edições CNBB, 2013a. p. 49; EG 71.

acontecendo. Nem sempre se sabe como buscar. Muitos são os que não conhecem, exatamente, quais caminhos percorrer. O buscam tateando imprecisamente e de maneiras não tradicionais, porém, com um coração sincero e desejoso.<sup>8</sup>

### 1.1.1 Fenômeno da Secularização

O fenômeno da secularização anda de mãos dadas com a vida contemporânea. O mundo não é mais compreendido segundo as lentes da religião. As instituições se emanciparam a partir da própria laicização do estado e da perda de influência que a religião tinha sobre a sociedade.

Convém delimitar o que se quer com este conceito. A secularização aqui é entendida como uma conceituação analítica dos processos históricos modernos. Um secularismo prático, muito próximo ao que se compreende do ateísmo prático. De maneira abrangente trata-se de uma cosmovisão que dispensa as referências religiosas de outrora, no que tange ao cotidiano das pessoas.<sup>9</sup>

Alguns estudiosos sustentam que as cidades ganharam expressão a partir dos agrupamentos sociais em torno dos espaços sagrados. Os lugares de culto, onde se instalaram os templos, atraíam o comércio, a política e outras instituições para perto de si. O sagrado era formulador de espaços humanos. Desta forma, a formação dos agrupamentos humanos está vinculada com a formação das religiões. Na maioria desses grupos, havia uma unidade quanto ao culto. Ainda que alguns tenham tido crenças diferentes, buscava-se unidade entre os diferentes. Aliança que faz nascer a cidade. O culto estabelece um vínculo comum com a economia e a política da sociedade.<sup>10</sup>

No mundo ocidental a fé católica ocupou os grandes centros das cidades. Estava no centro, não apenas do âmbito físico, mas da vida orgânica dos cidadãos. Esta realidade vem sofrendo mudanças

---

<sup>8</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 49; EG 71.

<sup>9</sup> SUSIN, Luiz Carlos. Aspectos teológicos dos fenômenos da secularização e do pluralismo cultural. In: BRUSTOLIN, Leomar A.; FONTANA, Leandro Luis B... **Cultura urbana, porta para o Evangelho: A conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades: Desafios e possibilidades atuais.** São Paulo: Paulus 2018. p. 89-108. p. 91.

<sup>10</sup> WOLFF, Elias. O desafio da convivência das religiões no espaço urbano. In: BRIGHENTI, Agenor; AQUINO, Francisco Jr. (Orgs.). **Pastoral Urbana: Novos Caminhos para a Igreja nas Cidades.** Petrópolis: Vozes, 2021. p. 65-80. p. cit. 66.



aceleradas. Diz o Papa que “a fé católica de muitos povos encontra-se hoje perante o desafio da proliferação de novos movimentos religiosos”.<sup>11</sup> Como uma reação ao materialismo moderno, alguns grupos tendem à religiosidade mais fundamentalista e outros preferem uma atitude espiritual que não envolva o comprometimento com uma religião específica.

O fenômeno da modernidade levou a humanidade para a urbanização. E a Igreja transferindo-se do rural para o ambiente urbano, por muito tempo, empenhou-se em implantar uma variedade de instituições temporais: escolas, hospitais e corporações. Muitas dessas, sob a responsabilidade do pároco. Posteriormente a condução dessas instituições passou para pessoas que não estavam mais ligadas a vida da paróquia. Desmantelava-se, assim, o regime paroquial nas cidades. Ela deixa de ser fator de enquadramento dos cidadãos para ser expressamente a referência religiosa. Sua missão é entendida como aquela que satisfaz a necessidade religiosa das pessoas.<sup>12</sup>

As estruturas de outros tempos, em torno da paróquia, que garantiam quase que automaticamente uma vida religiosa marcada pelo relacionamento com Deus, já não possuem mais a mesma influência nos cidadãos. O contexto familiar de oração e religiosidade, a catequese que se começava sem questionar, o grupo de jovens logo depois, o matrimônio como objetivo do namoro, o serviço na vida de comunidade, já não são uma realidade comum.

A *Evangelii Gaudium* indica o risco social da secularização que ultrapassa as fronteiras da vida religiosa.

O processo de secularização tende a reduzir a fé e a Igreja ao âmbito privado e íntimo. Além disso, com a negação de toda a transcendência, produziu-se uma crescente deformação ética, um enfraquecimento do sentido do pecado pessoal e social e um aumento progressivo do relativismo na fase tão vulnerável às mudanças da adolescência e juventude.<sup>13</sup>

Francisco alega que muitos relativizam a doutrina e o Evangelho por supostamente ferirem os considerados direitos humanos básicos. Ao propor uma maneira de vida baseada na moral católica, se estaria

---

<sup>11</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 44; EG 63.

<sup>12</sup> ORIOLO, 2019, p. 23.

<sup>13</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 45; EG 64.

interferindo na liberdade do indivíduo. Os discursos são acrescidos de informações demasiadas e mensuradas com mesmos pesos, tornando superficial a discussão sobre valores.<sup>14</sup>

Da passagem de época entre a concepção de cidades antigas para as cidades modernas, temos uma mudança na sua própria concepção: de um ajuntamento de pessoas onde valores e ideias se cruzam, para a supervalorização do indivíduo. O pluralismo urbano suscita uma nova forma de constituição da identidade desse indivíduo. Seu sentido de ser não provém mais do fato de pertencer a um grupo específico, mas das experiências pessoais. A procura constante e urgente do sentido da vida e as angústias existenciais fazem com que a sociabilidade esteja condicionada à função de corresponder às próprias necessidades.<sup>15</sup>

### 1.1.2 Globalização e desafio de formar comunidade

Segundo Marc Augé, na sua fala durante o Congresso da Pastoral urbana de Barcelona, a antropologia estuda as relações sociais vinculadas a espaços. Dentro dos quais as relações são objetivadas. Ela sintetiza a evolução do mundo atual em dois termos principais: urbanização e globalização.<sup>16</sup> O mundo global extrai o fator de contexto da ideia de cidade. A Terra toda seria o fator de contexto.

As pequenas aldeias, ou povos, com singularidade cultural, étnica e tecnológica já se dissiparam. O contexto próprio deu lugar à grande cidade. Muito mais entendida como um tecido urbano extenso, do que conjunto social subjetivo.

O Santo Padre escreve sobre o perigo de o todo tornar-se superior à parte. A tensão entre localização e globalização pode levar à reflexão dos problemas humanos a tornar-se vaga e idealista. Os cidadãos que não conseguem enxergar o local imediato a si, “vivem num universalismo abstrato e globalizante, miméticos passageiros do carro de apoio, admirando os fogos de artifício do mundo, que é de outros, com a boca aberta e aplausos programados”.<sup>17</sup> Alargar o olhar para que se enxergue

---

<sup>14</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 45; EG 64.

<sup>15</sup> BORRAS, Alphonse. A comunicação do Evangelho na grande cidade: espaços, agentes, condições. In: SISTACH, Cardeal Lluís Martínez (Org.). **A Pastoral das Grandes cidades**. Brasília: CNBB, 2016. p. 227-272. p. cit. 244.

<sup>16</sup> AUGÉ, Marc. O planeta como cidade-mundo e mundo-cidade. In: SISTACH, Cardeal Lluís Martínez (Org.). **A Pastoral das Grandes cidades**. Brasília: CNBB, 2016. p. 51-62. p. cit. 54.

<sup>17</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 136; EG 235.

acima da vontade própria é importante. Mas não se pode afastar tanto a observação que a faça perder de vista suas raízes.

A humanidade globalizada, principalmente naquilo que se refere à cultura e à economia, conduz atenção maior para questões e interesses aquém do local imediato das pessoas. São comuns práticas que dão mais atenção a interesses estrangeiros do que às questões locais. Sobre isso, há uma boa observação do Papa na *Encíclica Fratelli Tutti*:

Os conflitos locais e o desinteresse pelo bem comum são instrumentalizados pela economia global para impor um modelo cultural único. Esta cultura unifica o mundo, mas divide as pessoas e as nações, porque a sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos.<sup>18</sup>

Ainda que a globalização e as redes sociais estejam em alta, principalmente na cultura urbana, nunca vivemos épocas tão solitárias. A pastoral da Igreja vê-se diante do desafio de formar comunidades, de incluir o indivíduo em uma vida de fé partilhada e aberta aos interesses comunitários.

Grande adversário de nossas paróquias urbanas é o totalitarismo da globalização. Na ideia de uma governança global, não referindo-se a governos políticos, mas a tendências de pensamentos, ideais e culturais, e os modalismos vigentes, eles exercem muita influência sobre os indivíduos. Diante disso vemos pessoas com poucas características de pertença ao grupo local. Apesar de estarem cheias de informações dos mais diversos povos, foram esvaziando-se de pertenças comunitárias e dos laços sociais e éticos.<sup>19</sup> Por um lado a globalização criou uma grande comunidade mundial, com uma teia extensa de contatos e relações. Por outro, cria um grande desafio para a comunidade católica. São indivíduos que, fisicamente, habitam os mesmos espaços, mas não se conhecem e não se relacionam. Isso questiona a religião cristã que, estrutura-se em contatos e relações humanas.

### 1.1.3 Multiculturalismo

---

<sup>18</sup> FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus 2020. p. 16; FT 12.

<sup>19</sup> BORGHESI, 2018, p.198.

A concentração urbana de diversas pessoas com origens ainda mais diversificadas gerou um habitat cultural nada homogêneo. Diferentes grupos étnicos, religiosos, linguísticos, entre outros, compõe um cenário plural de tradições, costumes, crenças e valores.

O caráter democrático da cidade é um fator contribuinte para o surgimento do pluralismo cultural ou o multiculturalismo resultado da horizontalidade e autonomia dos indivíduos urbanos.<sup>20</sup> Os laços de pertença a gêneros culturais mais amplos se afrouxaram dando lugar ao indivíduo único, formando em si mesmo a expressão de sua vida cultural a partir da experiência de vida. De maneira direta, essa cultura individual pode afetar a maneira como a pessoa se comunica, se comporta, se relaciona com os concidadãos e como toma suas decisões.

A mistura de culturas pode ser vista sobre vários aspectos como uma oportunidade para o enriquecimento cultural das cidades, bem como para a criação de novas formas de expressão humanas. Pode fomentar o respeito e a tolerância entre os indivíduos. No entanto, também pode trazer desafios. Alphonse Borrás<sup>21</sup> afirma que “no caldeirão urbano, a convivência de uma variedade de culturas, com a sua visão do mundo e os seus valores próprios, não pode ser sempre serena e fecunda: muitas vezes da lugar a práticas de segregação e de violência”.<sup>22</sup> É um paradoxo da multiplicidade cultural urbana.

No que diz respeito a evangelização, a Igreja encontra sério desafio nesse contexto. Quando a comunicação do evangelho está presa em um programa uniformizado e fechado esquematicamente, ela não é acolhida. Na *Fratelli Tutti* o Papa alerta para o medo que pode vir do que é estranho, desconhecido. O que não está dentro daquilo que a Igreja, em sua tradição, abarca, é estranho e paralisa. Existe a “tentação de fazer uma cultura de muros, de erguer os muros, muros no coração, muros na terra, para impedir este encontro com as outras culturas, com outras pessoas. E quem levanta um muro, quem constrói um muro, acabará escravo dentro dos muros”.<sup>23</sup> Facilmente nos vemos em caminhos que conduzem a divergência e não levam para a unidade.

As características das manifestações culturais trazem consigo um profundo sentido de existência dos indivíduos. Ela é uma parte importante da vida e da experiência humana. Isso porque ela abarca diversos aspectos, dentre eles, o religioso. Inúmeras são as paróquias e pastorais

---

<sup>20</sup> SUSIN, 2018. p. 98.

<sup>21</sup> BORRAS, 2016, p. 227.

<sup>22</sup> BORRAS, 2016, p. 229.

<sup>23</sup> FRANCISCO, 2020, p. 23; FT 27.

que não possuem frutificação em suas iniciativas, por estarem fechadas ao diálogo. A Igreja, se não possuir uma disposição de diálogo e escuta concreta dos contemporâneos, não saberá como conhecer o sentido religioso de suas pessoas.<sup>24</sup> Na realidade atual, com diversidade de populações e culturas, a fé cristã não é mais a única referência de sentido religioso como era na época da cristandade.

## 1.2 PERIFERIAS EXISTENCIAIS E OS POBRES URBANOS

O Papa Francisco fala frequentemente sobre a periferia existencial, que é uma expressão que ele cunhou referindo-se às pessoas que vivem à margem da sociedade em diversos aspectos, tais como a pobreza, o isolamento social, a exclusão econômica, a falta de acesso à educação e à saúde, a discriminação, entre outros. Para ele, a periferia é a situação limite, a fronteira do humano, a condição onde os valores se encontram sob ameaça.

A ação missionária da Igreja nas grandes cidades dos nossos tempos não pode fugir do pensar com seriedade as questões que surgem das grandes margens. Vê-se a necessidade de atualizar um processo que se inicia com o próprio Jesus de Nazaré. “O primeiro e maior evangelizador, que nasceu num subúrbio desconhecido e pobre do Império romano, agiu nos pequenos povoados de Israel e morreu crucificado no subúrbio de Jerusalém”.<sup>25</sup> A história do cristianismo nascente é uma caminhada entre as periferias da Palestina até a grande cidade de Roma.

O Documento de Aparecida, ao falar sobre pastoral urbana, traça linhas concretas de preocupação com a promoção da dignidade humana. O mandato do discipulado está dirigido ao homem todo, em uma caridade que alcança todas as dimensões da existência.<sup>26</sup> O discípulo missionário não pode estar inerte aos problemas de uns e ignorar outros. Homens e mulheres das nossas cidades nem sempre são vistos com a mesma medida de amor. Aparecida enumera com clareza as urgências periféricas: no número 407 fala dos pobres em situação de rua, no 411 aparece o desafio

---

<sup>24</sup> BORRAS, 2016, p. 228.

<sup>25</sup> El primer y mas grande evangelizador, que nació en um subúrbio desconocido y pobre del Imperio romano, actuó en los pequeños pueblos de Israel e murió crucificado em um arabal de Jerusalén. GALLI, 2011, p. 241. (Tradução nossa)

<sup>26</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo. Brasília: CNBB, 2007. p. 173-191; DAp. 380.

dos migrantes, os enfermos no número 417, usuários de drogas e dependentes químicos no 422 e os encarcerados no 427.<sup>27</sup> Vivemos um reino que tem grande dificuldade em assimilar que “Deus nos escolheu para que sejamos seus filhos com a mesma origem e destino, com a mesma dignidade, com os mesmos direitos e deveres”.<sup>28</sup> É um processo de conversão que possui certa urgência pois muitos são os excluídos e marginalizados que nos apontam a não consolidação do Reino que é Jesus.

Borghesi elucida a forte crítica que o Papa Francisco faz ao modelo econômico atual. Dá a ele a responsabilidade pela escalada crescente do número de pessoas em situação periférica das nossas cidades. A globalização neocapitalista, vigente desde os anos 1980, impôs limites de desenvolvimento da vida plena, não mais acidentais, agora estruturais. O atual modelo de cidades onde a distribuição dos rendimentos trabalhista é desigual, precisa ser reavaliado. Faz-se necessária uma reflexão profunda sobre o sentido da economia e os seus fins.<sup>29</sup> Nota-se o aumento constante do desemprego, a desigualdade social ganha níveis notórios, os jovens cada vez mais tem dificuldade de ingressar no mundo do trabalho e novas pobreza surgem entre os cidadãos. Diante deste processo quase paradigmático, a encíclica *Evangelii Gaudium* diz:

Não podemos esquecer que a maior parte dos homens e mulheres do nosso tempo vive o seu dia a dia precariamente, com funestas consequências. Aumentam algumas doenças. O medo e o desespero apoderam-se do coração de inúmeras pessoas, mesmo nos chamados países ricos. A alegria de viver frequentemente se desvanece; crescem a falta de respeito e a violência, a desigualdade social torna-se cada vez mais patente.<sup>30</sup>

O mandamento “não matar”, talvez nunca ganhou uma abrangência tão grande em sua interpretação. Uma economia de exclusão e desigualdade, como está em vigente acontecimento, é uma economia que mata. É comum ver notícias que envolvem aumento ou queda da bolsa de valores ganhar muito mais repercussão da mídia que a morte de

---

<sup>27</sup> GALLI, 2011, p. 244.

<sup>28</sup> CELAM, 2007, p. 174; DAp 382.

<sup>29</sup> BORGHESI, 2018, p. 198.

<sup>30</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 38; EG 52.

homens e mulheres, muitos deles idosos, nas ruas e calçadas de nossas cidades. Tantos que passam fome ao lado das lixeiras onde são descartadas inúmeras quantidades de comida.<sup>31</sup> O resultado desta visão descartável do ser humano é a exclusão e marginalização da sua existência e morte da sua dignidade. É uma exclusão que “fere a própria raiz, a pertença a sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos já não são explorados, mas resíduos, ‘sobras’”.<sup>32</sup>

Conforme afirma Aparecida, a maior dimensão da sociedade globalizada é a econômica. “A dinâmica do mercado absolutiza com facilidade a eficácia e a produtividade como valores reguladores de todas as relações humanas”.<sup>33</sup> É um processo promotor de desigualdade e iniquidades. Comentando essa dinâmica de mercado, Borghese diz que já não se trata apenas de uma situação periférica de hierarquia, no sentido de estar abaixo, ou na periferia, mas de estar fora.<sup>34</sup> Os periféricos existenciais são explorados, usados e vistos como supérfluos para o sistema das cidades. Dado o uso necessário, são descartados.

Iluminado pela própria experiência da Argentina, o Papa Francisco vê a necessidade de um pensamento pastoral hodierno que pense a inclusão social como um modo de precaver o mundo de um colapso humano. No fim dos anos 1990 e o início dos anos 2000, Francisco viu sua Argentina amargar uma política econômica desestabilizada que gerou uma governabilidade de mercado livre. Política que recuperou, de certa forma a inflação do país, mas não garantiu suficiente proteção aos mais pobres. O Papa viu milhões de seus conterrâneos na miséria que culminou em uma grave crise social em 2008.<sup>35</sup> Ele sabe que essa mesma crise pode alcançar todo o mundo devido a economia do descartável. Pensar em novas estruturas sociais se faz urgente, tanto para ordenar a sociedade, quanto para curar mazelas excludentes que originam sempre novas crises.

---

<sup>31</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 39; EG 53.

<sup>32</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 39; EG 53.

<sup>33</sup> CELAM, 2007, p. 38; DAp 61.

<sup>34</sup> BORGHESI, 2018, p. 200.

<sup>35</sup> BORGHESI, 2018, p. 201.





## 2 PASTOREAR NA CIDADE

O teólogo Carlos María Galli, escritor e pesquisador da Pastoral Urbana, fala que a vivência na cidade é algo próprio do ser humano. Essa configuração de vida atravessou a história e compôs culturas. A história das grandes civilizações se confunde com a história das grandes cidades. É uma tendência ver surgirem aglomerações de pessoas em territórios reduzidos. Mesmo com a existência de muitas outras formas, a cidade é um modo caracteristicamente humano de se estar no mundo.

Desde os sumérios em diante, a história humana se condensou nas cidades. A lendária Jericó desenhou a forma das cidades emuralhadas e da casa como local de moradia familiar. Na América, nos tempos pré-colombianos, foram gestadas as grandes cidades dos povos indígenas.<sup>36</sup>

O desenvolvimento histórico das cidades foi delimitando características e modos de vida próprios desse modo de vida. O sistema feudal apresentou aquelas que podemos chamar de “minicidades”. Com castelos e monastérios imponentes. Cerca-se um determinado território e ali, em seu interior, mantém-se costumes e modos de vida peculiares, geralmente advindos da realidade servil de seus moradores. Os burgos incharam-se com o fim da Idade Média, formando cidades caracterizadas por meios de produção e comércio. Desenvolveram características que se mantêm até os dias de hoje.<sup>37</sup> Um elemento historicamente importante para compreender a cidade surge neste período: a separação do meio rural. Altos muros, pontes elevadiças e grandes portões de entrada deixavam claras as divisões entre os cidadãos do feudo e os produtores rurais.

Se no sistema feudal já tínhamos os monastérios como referências das cidades ocidentais, principalmente, as grandes cidades que se formaram na alta Idade Média, tinham como símbolo as grandes catedrais católicas. Eram verdadeiras cidades cristãs. A presença das irmandades religiosas e as obras de caridade davam marcas cristãs ainda mais fortes à cultura urbana deste período. Nelas via-se uma comunidade de

---

<sup>36</sup> Desde los sumerios en Adelante, la historia humana se condensó en las ciudades. La legendaria Jericó diseñó las formas de la ciudad amurallada y de la casa como vivienda familiar. En nuestra América, en tiempos precolombinos, se gestaron las grandes ciudades de los pueblos indígenas. GALLI, 2011, p. 39. (Tradução nossa)

<sup>37</sup> GALLI, 2011, p. 40

comunidades: artesãos, guildas, comerciantes, clérigos e, depois do século XIII, professores e estudantes. Do coração da Igreja surgem as universidades.<sup>38</sup>

Mesmo nas mais modernas cidades ocidentais, fortemente transformadas pelas diversas revoluções sociais, intelectuais e religiosas dos tempos modernos e pós modernos, suas obras e seu povo são símbolos visíveis da fé cristã.

O pensamento a respeito das megalópoles atuais deve partir de uma visão multidimensional da modernidade. Muito diferente daquelas cidades cristãs medievais. “O urbano, que transcende a cidade, é um campo experimental dos avatares, de processos e retrocessos da modernidade”.<sup>39</sup> A cidade moderna esta em um processo de desenvolvimento a partir de vários entrelaçamentos: a urbanização cultural, demográfica e industrial; a racionalização, visível de forma clara na ciência, na técnica e na economia; na democratização e na secularização, com destaque à religião e à ética.<sup>40</sup>

Se o homem é chamado vocacionalmente à vida social, e ele é constituinte do rebanho de ovelhas sob o cuidado pastoril da Igreja, a qual pode deixar de pensar e planejar uma ação pastoral que se encontre e dialogue com o meio onde vive “esta ovelha”. As escalas e medidas de opções oferecidas pelo mundo urbano são imensuráveis. Na cidade o homem cumpre seu chamado social. Mas, também nela, encontra inúmeras formas de desumanizar-se.

Este capítulo tratará dos seguintes temas: a relação entre cidade e Igreja, a influência da Teologia do povo no modo do Papa Francisco pensar e agir na cidade, a proposta de uma pregação do Evangelho mais querigmática para fazer frente aos desafios do mundo urbano e, por fim, a necessidade de fortalecer os laços pessoais na vida em comunidade.

## 2.1 IGREJA E CIDADE

No livro do Apocalipse, João fala que a cidade santa, a nova Jerusalém, é a meta de todo cristão que peregrina neste mundo. Também o Papa nos fala na *Evangelii Gaudium* que “a plenitude da humanidade e

---

<sup>38</sup> GALLI, 2011, p. 40.

<sup>39</sup> Lo urbano, que trasciende a la ciudad, es un campo experimental de los avatars – progresos y retrocesos – de la civilización moderna. GALLI, 2011, p. 41. (Tradução nossa)

<sup>40</sup> GALLI, 2011, p. 41.

da história se realiza numa cidade”<sup>41</sup>. Somos chamados a reconhecer a necessidade de contemplar a cidade como um lugar de presença e manifestação de Deus, que quer a realização máxima do ser humano. Há uma vocação redentora na ação e na presença da Igreja na cidade.

Ao estudar os Evangelhos percebemos que a missão de Jesus tem início e manifestação na cidade. Foi em Cafarnaum, uma cidade da Galileia, às margens do mar que Ele entrou em ação: “a partir deste momento, começou Jesus a pregar e a dizer: arrependei-vos, porque está próximo o Reino dos Céus”.<sup>42</sup> Nesta cidade Jesus continuava sua missão sempre com o olhar atento aos que mais precisavam dele. Não era um turista em visita, Jesus abraçava a realidade da cidade e, de maneira muito especial, aqueles que não eram abraçados por ela. “Jesus percorria toda a Galileia, ensinando em suas sinagogas, pregando o Evangelho do Reino e curando toda e qualquer doença ou enfermidade do povo. Sua fama se espalhou por toda a Síria... Seguiam-no multidões numerosas”.<sup>43</sup> Em Lucas, mesmo com uma multidão que o seguia, Jesus manifesta a importância que outras cidades tinham: “Devo anunciar também a outras cidades a Boa Nova do Reino de Deus, pois é para isso que eu fui enviado”.<sup>44</sup>

Ao proferir as palavras que davam abertura ao primeiro Congresso da Pastoral Urbana em Buenos Aires, no ano de 2012, o então Cardeal Bergoglio, dizia que o impressiona a marca evangélica dos encontros pessoais de Jesus com as pessoas pelas ruas. Como estes encontros suscitavam experiências profundas.<sup>45</sup> Ser percebido e cuidado de modo subjetivo dentro de uma grande cidade, era algo complexo já para aquela época. Zaqueu, por exemplo, no gesto de Jesus de tomar a iniciativa de entrar em sua cidade, e ao encontrá-lo nesse caminho, muda profundamente a vida dele. “A fé que nasce faz com que Zaqueu deixe de ser um traidor a serviço de si próprio e do império, e passe a ser cidadão de Jericó, estabelecendo relações de justiça e solidariedade com seus

---

<sup>41</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 49; EG 71.

<sup>42</sup> BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002; Mt 4,16.

<sup>43</sup> Mt 4,23-25.

<sup>44</sup> Lc 4,43.

<sup>45</sup> BERGOGLIO, Jorge Mario. Dios em la Ciudad: Palabras iniciales em el Primer Congreso Regional de Pastoral Urbana. In: BERGOGLIO, Jorge Mario... [et al]. **Dios En La Ciudad**. Primer Congreso de Pastoral Urbana. Dios em la ciudad. Buenos Aires: San Pablo, 2012. p. 09-22. p. cit. 10.

cidadãos”.<sup>46</sup> Os encontros evangélicos são sempre fecundos. A presença de Jesus era marcante porque percebia o que havia no coração de tantas pessoas que estavam excluídas da vida social. Jesus passava fazendo o bem.

A Igreja continua, através dos séculos, sendo a presença de Jesus nas ruas de nossas cidades. Apesar de encontrar muitas dificuldades no que se refere ao diálogo pessoal com tamanha diversidade de pensamentos e subjetividades, ela vem buscando formas de estabelecer encontros que conduzam a transformações de vidas. Não diferente de Jerusalém ou de Cafarnaum, as cidades de hoje são espaços de diversidade por excelência. Ao pensar a Pastoral Urbana é necessário que se dê atenção especial para este assunto.

Como já visto no capítulo anterior, a formação das grandes cidades está intimamente vinculada com o fator religioso. Desde muitos séculos consegue-se compreender uma civilização estudando as manifestações religiosas daquele lugar. Diz o professor Elias Wolf que:

O credo religioso estabelece o horizonte de sentido da vida urbana, e as disciplinas religiosas incidem no comportamento dos cidadãos. Assim, da antiguidade até bem pouco tempo, a religião exerceu um papel definido na fundação, fundamentação e articulação da vida da cidade.<sup>47</sup>

Wolf ainda fala que o processo crescente de secularização que se instaurou no meio urbano a partir da Idade Moderna, não se opõe à fé cristã. Os cidadãos adquiriram uma determinada autonomia quanto à vivência de sua fé cristã. Dificuldade se encontra quando se fala do “secularismo”. Este impõe uma prerrogativa que desafia a convivência religiosamente comunitária, essencial para à Igreja. Como resultado, ele conduz para uma ideia de fé secular, como condutor ético que, em muitos casos, está em oposição a religião.<sup>48</sup> Enquanto entendemos que secularização pode estar em constante diálogo com a religião, o secularismo tem proporcionado um crescimento urbano distante do

---

<sup>46</sup> Lá fe hará que Zaqueo deje de ser um vendepatrias al servicio próprio y del Imperio, y passe a ser ciudadano de Jericó, estableciendo relaciones de justicia y solidariedade com sus conciudadanos. BERGOGLIO, 2012, p. 10. (Tradução nossa).

<sup>47</sup> WOLFF, 2016, p. 67.

<sup>48</sup> WOLFF, 2016, p. 67.

diálogo com a Igreja. Sua intensa racionalização torna a vida social formal e burocrática, independente da orientação espiritual.

Por isso, respondendo ao estranhamento perante a cidade atual que parece querer crescer sem considerar a vida espiritual de seus habitantes, o Documento de Aparecida diz que “Deus vive na cidade”<sup>49</sup>, no meio dela e circundado por tudo que a compõe. Nela estão as criaturas dele, trabalhando, estudando, vivendo e relacionando-se. É nela que se enfrentam os desafios diários. Sabendo que a cidade é local de Deus e Ele vive nela, é missão da Igreja colaborar para que o Reino de Deus seja construído nela. Para isso é necessário que ocorra evangelização. Afinal, como nos fala Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi*, “a Igreja existe para evangelizar”.<sup>50</sup> Fazer o Evangelho ser mais do que um conjunto de frases impactantes para serem “postadas” nas redes sociais como legendas de belas fotos urbanas. Ele deve ser encarnado como fomentador de justiça, de paz e de fraternidade.

Hodiernamente a Igreja não pode mais conceber a evangelização como tradicionalmente. A figura do padre não pode ser o centro de toda a ação da paróquia. Uma Igreja dentro da cidade precisa acompanhar seu constante movimento de expansão dos limites. De maneira incisiva precisa assumir um modo de agir que também se expanda, que dialogue com a sociedade com a cultura e com a cidade. Faz-se importante que os braços pastorais alcancem todas as regiões. O padre não consegue abarcar a todos em seu pastoreio. Lideranças com formação e capacitadas podem, efetivamente estar presentes nas fábricas, nos condomínios, nas empresas e nos lugares de entretenimento. Não necessariamente sobre bancos gritando o Evangelho. Mas sendo bons cristãos na presença que sinaliza Cristo, na fidelidade com os valores evangélicos e, principalmente, na caridade.

O Papa Francisco afirma que evangelizar é fazer com que o Reino de Deus seja uma presença no mundo. E exige que se leve em consideração a dimensão social do Evangelho, que é integradora de toda a realidade.<sup>51</sup> Corre-se o risco de que, na prática, se torne doutrinação ou obtenha propósitos de “converter” grande número de pessoas. Jesus, como maior propagador e modelo máximo de anunciador do Reino de Deus é quem nos dá a indicação de nossa missão na pastoral urbana: “Eu

---

<sup>49</sup> CELAM, 2007, p. 227; DAp 514.

<sup>50</sup> PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. 05. ed. São Paulo: Loyola, 1976. p. 22; EN 14.

<sup>51</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 107; EG 176.

vim para que tenham vida e a tenham em abundância”.<sup>52</sup> Todas as ações da Igreja devem trazer consigo a promoção da vida plena das pessoas. Uma comunidade pastoral que não preste atenção na vida real das pessoas, parece caminhar sempre em paralelo ao mundo, sem nunca se cruzarem.

O Documento de Aparecida convocou a América Latina a colocar “nossos navios mais adentro, com o poderoso sopro do Espírito Santo, sem medo das tormentas [...]. Procurará colocar a Igreja em estado permanente de missão”.<sup>53</sup> Qual deve ser o objetivo desta missão? Comunicar a vida de Jesus Cristo a todas as pessoas, o Reino de vida nova que ele pregou. Onde ele é levado, ainda que em lágrimas, traz consigo plenitude de vida, felicidade e dignidade. Aparecida propõe uma unidade teológica, pastoral e espiritual para alcançar este objetivo. “A Igreja é a comunidade dos discípulos missionários enviados pelo Senhor a dar a vida”.<sup>54</sup>

Ao comentar a EG, Borghesi lança uma chamada de atenção à necessidade de um novo pensamento sobre a política. Diante do mundo tecnocrático e com sede de poder, muitos são lançados às periferias porque não se encaixaram nas práticas de uso pelo interesse imediato e prático. Essa lógica comercial forma a política do relativismo ético, dominada pelo individualismo. A saída, indicada por ele é pensar:

Uma política que torne a refletir sobre o “bem comum” de um povo dentro de um horizonte não imanentista. Hoje a política pode transcender à economia só sê mover-se na tensão polar entre imanência e transcendência: “estou convencido, de que, a partir de uma aventura à transcendência, poder-se-ia formar uma nova mentalidade política e econômica que ajudaria a superar a dicotomia absoluta entre a economia e o bem comum social”.<sup>55</sup>.

Cabe à Igreja fomentar e formar cidadãos que sejam engajados neste âmbito relevante para a cidade. Somente uma política pensada na forma dos valores evangélicos conduzirá uma economia que promova o

---

<sup>52</sup> Jo 10,10.

<sup>53</sup> CELAM, 2007, p. 245; DAp 551.

<sup>54</sup> La Iglesia es la comunidad de los discípulos misioneros enviados por el señor a dar la vida. GALLI, 2011, p. 128. (Tradução nossa).

<sup>55</sup> BORGHESI, 2018, p. 204.

bem comum. Borghese, na biografia do Santo Padre, afirma que causa desgosto ao Papa ver que no centro dos debates políticos prevalecem sempre as questões de ordem técnica e econômica em detrimento dos problemas de ordem antropológica. Nesse *modus operandi* de quem deve prezar pela saúde estrutural da cidade, “o ser humano corre o perigo de ser reduzido a simples engrenagem de um mecanismo que o trata à maneira de um bem de consumo a ser utilizado, de forma que, quando a vida não é funcional para tal mecanismo, é eliminada sem demasiadas demoras”.<sup>56</sup>

Da *Lumen Gentium* nos vem grande luz que ilumina o caminho da Igreja urbana. Por nove vezes o documento usa a expressão “Igreja peregrina”, e destaca que esta peregrinação sobre a terra se faz necessária para a salvação.<sup>57</sup> Como poderia ser peregrina se não caminhasse nas ruas da cidade, não abrisse conversação com as pessoas? Ou, ainda mais, se selecionasse um grupo específico de pessoas a serem atingidas por sua pregação da Palavra. Ela faz sua peregrinação quando pisa no chão das diversas realidades que compõem os cenários urbanos. Ela faz peregrinação evangelizadora, quando:

“enriquecida pelos dons do fundador e observando fielmente os seus preceitos de caridade, de humildade, e de abnegação, recebe a missão de anunciar e instaurar em todas as gentes o Reino de Cristo e de Deus, e constitui ela própria na terra o germe e o início deste reino.”<sup>58</sup>

Todas as pessoas são importantes, e chamadas para fazerem parte do Reino. Todo esforço é válido para que se encontre uma forma de fazer o anúncio da Igreja ser comunicado e entendido por todos.

A *Fratelli Tutti* fez-nos ver que a atitude da Igreja em relação ao diferente não pode ser aquela vigente na sociedade de hoje. Há um mecanismo de negar o outro se ele não se encaixa nos moldes estabelecidos pelo sistema vigente, quando:

Nega-se a outros o direito de existir e pensar e, para isso, recorre-se a estratégia de ridicularizá-los, insinuar suspeitas sobre eles e reprimi-los. Não se acolhe a sua parte da verdade, os seus valores e,

---

<sup>56</sup> BORGHESI, 2018, p. 203.

<sup>57</sup> LG 14

<sup>58</sup> FRANCISCO, 2020, p. 18; FT 15.

assim a sociedade se empobrece e acaba reduzida à prepotência do mais forte.<sup>59</sup>

Nessa espécie de batalha para fazer valer os interesses pessoais, não haverá espaço para erguer a cabeça e enxergar o próximo caído à beira do caminho.

Um desafio para a Igreja perante a cultura urbana atual é o que Alphonse Borras chama de terceirização do estilo de vida. Ideia que vem da percepção da cidade como um lugar de prestação de serviços em vista de suprir necessidades. Oferece-se um serviço na medida em que ele é pedido. O ser humano da cidade tem função e valor na medida em que alguém precisa do que ele tem a oferecer. O conceito de sociabilidade está vinculado diretamente ao conceito de usuário ou cliente. É cidadão aquele que vende e compra. Essa situação se aplica à vida religiosa também, quando ela se entende como um suprir necessidades dentro da autonomia de escolha dos indivíduos. A realidade de muitas paróquias de cidade é esta: uma espécie de serviço público de ordem espiritual.<sup>60</sup>

## 2.2 TEOLOGIA DO POVO

Para compreender em profundidade a noção de Pastoral Urbana em Papa Francisco, é importante conhecer um pouco a Teologia do Povo, por tratar-se de uma abordagem teológica muito presente no seu pontificado. Ela encapsula uma série de valores e ênfases teológicas que têm sido destacados durante seu papado. Uma concepção teológica do agir evangelizador enfatizado na proximidade com as pessoas comuns e no compromisso com os mais pobres e marginalizados. Ela busca uma Igreja mais inclusiva, acolhedora e comprometida com a justiça social. De maneira especial, é fundamental compreendê-la para se ter uma visão mais aprofundada sobre a maneira como o Papa e os demais intelectuais escrevem sobre a Pastoral Urbana. Uma forma de pensar que esclarece a importância do chamado a ser "Igreja em saída", "hospital de campanha", misericordiosa e que esteja na cidade.

Os bispos da Argentina buscavam um jeito novo de ser Igreja inspirados nos novos ares trazidos pelo Concílio Vaticano II. Sentia-se que a nova práxis pastoral deveria ser inserida nas realidades de seu povo, principalmente os mais pobres das grandes cidades do país. O teólogo Juan Luis foi o primeiro a usar a expressão "Teologia do Povo" como

---

<sup>59</sup> FRANCISCO, 2020, p. 18; FT 15.

<sup>60</sup> BORRAS, 2016, p. 250.



resultado de profundo estudo a respeito dos desejos e necessidades dessa nova maneira de atuar da Igreja. Porém, seu maior desenvolvimento e amadurecimento deu-se com Lucio Gera e Rafael Tello.<sup>61</sup> O Papa, quando bispo em Buenos Aires, teve bom relacionamento com eles. Via-se muito dela nas diretrizes e no pastoreio realizado nas cidades onde ele era responsável por aquela Igreja local.

Ela incide de modo muito direto na maneira com que Francisco tem conduzido a Igreja. É evidente que dentro da grande expressão que é a cidade, o povo fiel constitui um lugar teológico muito importante para a Pastoral Urbana de Francisco. Diz Borghese que o “compromisso histórico pelo bem comum e pelo destino dos pobres, por um lado, e consciência de que o Reino se realiza no mundo através dos planos de Deus, por outro”,<sup>62</sup> constituem uma tensão polar em Bergoglio. Para ele, constituía uma tragédia a guerra entre o pensamento messiânico revolucionário e a batalha anticomunista. Uma série de atitudes e reformas foram feitas por ele nesse aspecto. Uma delas é a reforma dos seminários jesuítas, separando a filosofia da teologia, como etapas de formação distintas uma da outra. As reformas tinham o interesse de reintroduzir na formação do clero os valores jesuítas e a dignidade da orientação histórica cultural do país. Havia um horizonte dominante que se mostrava influenciado por correntes modernistas, americanizantes e marxistas.<sup>63</sup> O que facilmente via-se como resultante era uma tendência maior ao marxismo e ao hegelianismo. A anulação das tradições religiosas populares era a pior das consequências para esses movimentos filosóficos. Tais modos de fé eram uma questão de folclore.

Outra reforma feita por Bergoglio foi nas atividades dos seminaristas que estavam na etapa final de formação, rumo ao sacerdócio. Eles foram enviados aos bairros mais carentes da grande cidade de Buenos Aires para conviver com as pessoas jogando com as crianças, ensinando o catecismo e visitando as famílias para partilhar de suas necessidades e problemas. “Estar no ativo serviço dos pobres no curso de missões de fim de semana nos bairros locais teria permitido aos estudantes jesuítas estabelecer um laço com o santo povo fiel de Deus, e enraizar-se na realidade”.<sup>64</sup> Muito mais do que um projeto de formação, vimos nascer uma vontade de Pastoral Urbana em Francisco e o delinear daquilo que

---

<sup>61</sup> ORIOLO, 2019. p. 40.

<sup>62</sup> BORGHESI, 2018, p. 65.

<sup>63</sup> BORGHESI, 2018, p. 65.

<sup>64</sup> BORGHESI, 2018, p. 66

pretende ser a Teologia do Povo. A teoria e a práxis precisam se encontrar em um horizonte missionário comum com espírito cristão, não marxista.

Bergoglio acrescenta na formação um retorno à espiritualidade do fundador dos jesuitas, Santo Inácio de Loyola. Ele via um valor particular na forma original de fazer os exercícios espirituais. Como Papa ela falará muito sobre a primazia que a graça e o Espírito têm sobre as obras e sobre as regras. Observando, particularmente, este aspecto de retorno às práticas espirituais é que vemos o rosto místico interior do Papa, que reage à redução antropológica e naturalista do homem moderno, que reduz, até mesmo, a pastoral a questões sociais, materiais e políticas.<sup>65</sup> A teologia precisa estar acima da teoria ideológica e da práxis militante. Nas diretrizes que ele traz para a Igreja como bispo de Roma, vemos claramente esta perspectiva de que o cristão será ativo em sua missão quanto mais for passivo ao agir de Deus.

A Teologia do Povo é um caminho que Francisco trilhou e que trouxe para seu papado, como um dos luzeiros para enfrentar os maiores desafios da Igreja de hoje. E, ainda mais, para a Pastoral Urbana. Os princípios desta teologia proporcionam um amanhecer à escuridão que tanto tem distanciado a Igreja das grandes cidades na ordem da identificação com elas. Reagindo aos desvios sociológicos e praxistas que dividiam a Igreja argentina nos pós-Concílio, inspira uma reação da Igreja à sociedade dividida de hoje. Aquelas reformas feitas por Bergoglio traçam um desejo de recolocar no centro da fé católica de toda a Igreja a fé no Evangelho, evitando que ela se torne apenas uma dimensão espiritualista da sociedade, ou uma parte militante e praxista em meio a tantos outros movimentos.

Para explicar a Teologia do Povo e sua influência no pontificado de Francisco, falaremos de dois temas principais: a religiosidade popular e a inculturação. Duas questões que nos ajudam a compreender a fé do povo a partir da simplicidade e das simples manifestações culturais.

### **2.2.1 Religiosidade Popular**

A religiosidade popular é um dos elementos mais marcantes da Teologia do Povo. É expressão teológica e pastoral, especial e particular, da forma como o povo manifesta e vive sua fé. Refere-se às expressões devocionais e espirituais que surgem a partir das práticas religiosas do povo comum. Ela se manifesta através de crenças, rituais, festas,

---

<sup>65</sup> BORGHESI, 2018, p. 66

devoções e tradições que estão enraizadas nas culturas e nas comunidades locais.

A respeito da religiosidade popular o *Documento de Aparecida* dá uma recomendação necessária para que a fé seja acolhida e deixada penetrar na quotidianidade do povo: “o discípulo missionário precisa ser sensível a ela, saber perceber suas dimensões interiores e seus valores inegáveis”.<sup>66</sup> As grandes cidades estão repletas dessa “mística popular”, que precisa ser reconhecida e valorizada pela Igreja. A necessidade de evangelizar o povo não significa dizer que nele não se encontrem valores realmente cristãos, mas quer afirmar que existe algo semeado pelo Espírito Santo que pode dar frutos de santidade, se regado com uma pregação fundamentada, respeitosa e acompanhada pelo reto testemunho de vida em Deus. É certo que, tendo as pessoas reconhecido o respeito à sua forma de religiosidade, estarão mais facilmente abertas à participação nos sacramentos, à formação católica e ao serviço da comunidade.

A aceitação, de uma certa forma fácil desse modelo popular de viver a religião, ganha grande adesão pelo fato de ser uma fé encarnada. Explica bem isso, o Santo Padre:

As formas próprias da religiosidade popular são encarnadas, porque brotaram da encarnação da fé cristã numa cultura popular. Por isso mesmo, incluem uma relação pessoal, não com energias harmonizadoras, mas com Deus, Jesus Cristo, Maria, um Santo. Têm carne, têm rostos. Estão aptas para alimentar potencialidades relacionais e não tanto fugas individualistas.<sup>67</sup>

Numa procissão com Nossa Senhora Aparecida no Brasil, por exemplo, quantas pessoas que não possuem o hábito de frequentar a Igreja dominicalmente, não fizeram todos os sacramentos ou nunca exerceram uma liderança frente a uma comunidade, encham estradas. Ao olhar para a imagem se identificam porque veem nela suas lutas e dores. Da mesma forma com o Senhor dos Passos. Tantas são as novenas multiplicadas em paróquias lotadas de gente. Ainda que não estejam dentro dos parâmetros litúrgicos institucionais, manifestam a piedade do povo, e a fé de que Deus pode dar para eles aquilo que lhes carece a cidade.

---

<sup>66</sup> CELAM, 2007, p.121-122; DAp 262.

<sup>67</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 59; EG 90.

Muitas vezes ela é caracterizada por transcender as estruturas institucionais e formais da religião organizada. Mas, normalmente é coletiva e muito participativa, alcançando o engajamento de muitas pessoas, envolvendo toda a comunidade. É belo ver a alegria colocada pelo Papa quando diz que o Evangelho se torna uma “cidade que brilha acima do monte”<sup>68</sup> quando se encontra comunicativamente com seu povo. A riqueza plena da missão encontra-se nesse incorporar a todos como destinatários e merecedores de conhecer a Boa Nova numa proposta integrativa, não impositiva.

Há muito valor de vida eclesial na maneira religiosa de ser de nossas comunidades populares, especialmente das cidades. “A mística popular acolhe, a seu modo, o Evangelho inteiro, e encarna-o em expressões de oração, de fraternidade, de justiça, de luta e de festa”.<sup>69</sup> O povo tem um carinho muito especial por procissões, novenas, peregrinações a santuários, devoções tradicionais e rituais. São manifestações que foram sendo construídas e transmitidas por décadas. Basta pensar em quantas maneiras diferentes se venera a Virgem Maria. Quão facilmente ajuntam-se multidões, emocionalmente entregues naquela espiritualidade, em procissões percorrendo ruas das cidades seguindo a Santa. Todas são formas de manifestar a busca de sentido e de conexão com o divino. Que riqueza e que oportunidade para mostrar às pessoas uma opção mais profunda e transformadora de viverem aquela fé que já possuem.

A mudança acelerada do cenário urbano obriga o catolicismo a repensar sua presença na cidade. A cultura urbana expressa-se de formas sempre mutáveis. A cada expressão vê-se algo novo. Não estão inertes a isso a piedade e a fé popular. Vemos o quanto é necessária a criatividade para atrair. Eventos culturais usam uma diversificada forma de divulgação e artimanhas que chamem a atenção para o que se quer oferecer. Profissionalizou-se a observação do local e da circunstância para elaborar o melhor plano de ação e conquista. As expressões piedosas da população urbana dão um entendimento mais profundo para entender as urgências eclesiais daquele povo. Uma Igreja que se propõe a evangelizar a cidade deve estar atenta àquilo que se manifesta. Nos diz Benjamin Bravo, no Congresso da Pastoral Urbana de Barcelona, em 2014:

Ao invés de assumir posições indiscutíveis – formas de massiva e total benção ou maldição da

---

<sup>68</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 137; EG 237.

<sup>69</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 137; EG 237.

cidade, fórmulas de assunção acrítica ou de rejeição igualmente radical da cultura urbana, fórmulas que a experiência de fé hebraica anterior e cristã depois conheceram na sua história- o cristianismo é chamado a renegociar essa sua relação com a cultura urbana dentro do cotidiano de suas relações e das suas atividades, dentro da trama das ações e construir para continuar o seu projeto de anúncio e de testemunho da fé cristã.<sup>70</sup>

Cabe aqui uma exortação feita na *Evangelii Gaudium* para o que o Papa chama de *mundanismo espiritual*. Prática religiosa revestida de aparência piedosa que transmite a ideia de amor á Igreja. Porém, ao invés de buscar a glória do Senhor, seu interesse reside na pura glória pessoal ou no seu bem-estar.<sup>71</sup> Encontramos aqui a mesma censura feita por Jesus aos fariseus: “Como podeis crer, vós que recebeis glória uns dos outros, mas não procurais a glória que vem do Deus único?<sup>72</sup> Trata-se de uma fé fechada no subjetivismo onde o que lhes interessa é estar enclausurada em seu sentimentalismo. Há a prática exibicionista de devoções, até mesmo em relação à liturgia que busca prestígio e vanglórias para si. Não formam comunidade e, tão pouco, essas expressões piedosas representam uma religiosidade sinal da presença do divino.

A religiosidade popular não trata de algo distante ou contra o Evangelho. É expressão da atividade missionária espontânea do povo de Deus. A Igreja precisa dar-lhe atenção por entender que na manifestação espontânea da cidade, em sua cultura e religiosidade, é expressa a necessidade do povo.

### 2.3.2 Inculturação

A cidade tem uma cultura urbana que abraça muitas e diversas manifestações culturais diferentes. Seus sinais são vistos em vastidão nas manifestações de religiosidade popular. Essa pluralidade cultural é uma característica que exige atenção especial da Igreja ao pensar sua presença como interagente e integradora desse grande mosaico. Ela atinge a fé de modo direto e objetivo, ao retirar aquela uniformidade protetora, e subjetivamente, ao inserir elementos novos e desafiadores.

---

<sup>70</sup> BRESSAN, 2016, p. 171.

<sup>71</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 61; EG 93.

<sup>72</sup> Jo 5,44.

No número 68 da *Evangelii Gaudium* temos o chamado para que se pense a inculturação do Evangelho com uma perspectiva, não de necessidade imperiosa, mas como projeto a longo prazo. Não se pode ignorar o que o Espírito Santo tem semeado. Ainda que não haja uma identidade religiosamente católica, ou uma prática constante da religião, encontram-se valores autenticamente cristãos. Diz o Papa que “pensar que não existem autênticos valores cristãos, onde uma grande parte da população recebeu o Batismo e exprime de várias maneiras a sua fé e solidariedade fraterna”,<sup>73</sup> é não ter confiança na ação livre do Espírito Santo. A cidade é marcada por modalidades próprias de expressão da sua fé cristã. Nem sempre encaixada nos moldes tradicionais da Igreja, mas, conservando os valores humanistas cristãos que não devem ser desconsiderados.

Na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Querida Amazonia*, explica o que devemos entender como o processo de inculturação ideal para a Igreja:

Ao mesmo tempo que anuncia sem cessar o querigma, [...] não para de moldar a sua própria identidade na escuta e diálogo com as pessoas, realidades e histórias do território. Desta forma, ir-se-á desenvolvendo cada vez mais um processo necessário de inculturação, que nada despreza do bem que já existe nas culturas amazônicas, mas recebe-o e leva-o à plenitude à luz do Evangelho. E também não despreza a riqueza de sabedoria cristã transmitida ao longo dos séculos, como se pretendesse ignorar a história na qual Deus operou de várias maneiras, porque a Igreja possui um rosto pluriforme, vista não só da perspectiva espacial, mas também da sua realidade temporal.<sup>74</sup>

A Igreja não está pronta, estática. Ela cresce na maneira em que busca soluções para implantar a fé em Jesus dentro dessa cultura diversa, proporcionando o entendimento de que o Evangelho é relevante e conduz para uma vida nova.

---

<sup>73</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 47; EG 68.

<sup>74</sup> FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-sinodal **Querida Amazônia**. Vaticano: 2020. Não Paginado; QA 66. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20200202\\_querida-amazonia.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html)>. Acesso em: 25 de abr. 2023.

O Evangelho é força transformadora de realidades, não destruidora ou aniquiladora. Jesus, na sua paixão redime a humanidade, não a extingue da face da terra. Portanto, quando pensamos a questão da inculturação da fé, partimos do pensamento de Francisco, para quem “a graça supõe a cultura, e o dom de Deus encarna-se na cultura de quem o recebe”.<sup>75</sup> Surge um duplo movimento: a) de fecundação, quando o Evangelho acolhido permite que o Espírito Santo fecunde aquela cultura com a novidade transformadora do Evangelho; b) de recepção, quando se enriquece com aquilo que o Espírito já havia semeado naquela cultura.<sup>76</sup> Exige um esforço constante para fugir da imposição de uma cultura cristã em detrimento total das particularidades culturais da cidade. E um esforço ainda maior para não cair no relativismo. O pluralismo urbano afeta a fé cristã que pretende ser única. Por mais efusiva que seja a pregação, os fiéis estão cercados por todo o lado de diversas expressões religiosas que os levam a perguntarem-se sobre a veracidade da própria.

Para que haja abertura ao Evangelho, a Igreja dispõe de mais de um único modelo cultural. Vemos isso ao longo de nossa história. Porque, como nos mostra Querida Amazonia:

[...] não faria justiça à lógica da encarnação pensar num cristianismo monocultural e monocórdico. Entretanto, o risco dos evangelizadores que chegam a um lugar é julgar que devem não só comunicar o Evangelho, mas também a cultura em que cresceram, esquecendo que não se trata de impor uma determinada forma cultural, por mais bela e antiga que seja.<sup>77</sup>

Falida será a Pastoral Urbana, se atuar no pensamento de que cabe a ela levar Deus para a cidade. A Igreja que sai para evangelizar nas cidades, o faz como manifestação de fé naquilo que o Documento de Aparecida nos trouxe: que “Deus vive na cidade”.<sup>78</sup> Bravo<sup>79</sup> afirma que se não houvesse fé nessa verdade, não haveria motivo de sair pela cidade.

---

<sup>75</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 45; EG 115.

<sup>76</sup> FRANCISCO, 2020, Não paginado; QA 68.

<sup>77</sup> FRANCISCO, 2020, Não paginado; QA 69.

<sup>78</sup> CELAM, 2007, p. 21; DAp 21.

<sup>79</sup> BRAVO, Benjamín. O tecido eclesial e os tecidos urbanos (sociais, econômicos, culturais, religiosos). In: SISTACH, Cardeal Lluís Martínez (Org.). **A Pastoral das Grandes cidades**. Brasília: CNBB, 2016. p. 149-168. p. cit. 149.

No fundamento da ação pastoral urbana, está uma busca por Deus. A missão de um pároco nessa realidade é mostrar o caminho e revelar onde Deus vive. “Uma boa pista é localizar as várias cidades culturais religiosas”.<sup>80</sup> Sobre o que ele chama de “cidades religiosas”, depois de algumas pesquisas em cidades como Cidade do México, Guadalajara e Tijuana, descreveu sete delas:

A cidade da cristandade, a nossa; a cidade-religioso popular (amálgama de religiões ancestrais, verdades do catolicismo do século XVI e XVII, religiosidade popular...); a cidade dos “batizados sem Igreja” (cidade holística, religiões inventadas pela cidade); a cidade da cura do corpo e da psique; a cidade da razão moderna (científica e técnica); a cidade pós-moderna ou das sensações corpóreas, frequentada sempre mais pelos jovens e a cidade dos guetos.<sup>81</sup>

A inculturação tem uma grande valia para a fé católica porque possui uma pedagogia eficaz de fixar a Boa Nova, que a Igreja é chamada a levar a todos os povos. O ser humano nasce dentro de uma cultura e também a produz. Ela é dinâmica, constantemente sendo recriada e se adaptando às circunstâncias de tempo e espaço onde está inserida. Para cada situação existencial o povo cria um conjunto de atitudes que viram costumes ao serem repassados às demais gerações seguintes. As novas gerações terão seu próprio contexto existencial e reelaborarão seu modo de lidar com ele. Porém, aquilo que tem valia será conservado. Quando o Evangelho se incultura em um povo, sendo uma proposta boa e promotora do bem comum dele, a geração seguinte o receberá e o transmitirá para a próxima.<sup>82</sup> Pensemos em nossas cidades que estão em constante processo de reinvenção estética, estrutural e ontológica. A Igreja, ao inserir-se nesse contexto de forma positiva, sendo agregadora e não excludente, faz com que os valores do Evangelho e o desejo por tê-los presentes na cultura urbana sejam preservados e repassados.

## 2.4 URGÊNCIA POR UMA NOVA EVANGELIZAÇÃO QUERIGMÁTICA

---

<sup>80</sup> BRAVO; SISTACH, 2016. p. 157.

<sup>81</sup> BRAVO, 2016, p. 156 e 157.

<sup>82</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 77; EG 122.



No início da *Evangelii Gaudium*, o Santo Padre diz que uma consequência do mundo atual profundamente consumista e individualista, duas características fortemente presentes no mundo urbano, é a tristeza. Cidadinos com um coração mesquinho buscam prazeres desordenados, passageiros e superficiais. Como consequência vivem no pecado e cultivam o vazio interior.<sup>83</sup> Os que fazem um encontro pessoal com o Senhor, principalmente pelo Evangelho, experimentam uma alegria que tudo revigora. “Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria”.<sup>84</sup> É preciso inaugurar uma nova comunicação do Evangelho que seja marcadamente alegre, que passe pelas ruas da cidade, indicando um caminho novo. Essa novidade é sempre bem vinda na cidade porque ela precisa estar sempre em mudança. A alegria do Evangelho é dinâmica e sua pregação não pode ser apenas repetição de passagens decoradas.

Alphonse Borras, falando em Barcelona sobre a evangelização nas grandes cidades, enfatiza a força do tema “comunicação” do Evangelho. “Falar de comunicação define de maneira melhor que se trata de uma ação, de um processo que compreende, além da mensagem e do mensageiro, também o destinatário”.<sup>85</sup> O locutor daquilo que está sendo anunciado não vai encontrar um receptor inerte e passivo. Haverá interação com a mensagem recebida. É preciso dar seriedade e relevância para quem quer se destinar a comunicação do Evangelho. Este elemento é indispensável para que aconteça diálogo. Borras lembra o que Paulo VI dizia sobre a evangelização ser um processo contínuo de diálogo e conversação. A Igreja não pode oferecer se não se abre para receber. Se a Igreja não se dispõe a ouvir e acolher, não ganhará corações que acolham o que ela tem para dizer.<sup>86</sup>

Um assombro de nossos dias na comunicação do Evangelho é posto pelo Papa na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*. Nela fala-se da superficialidade evangélica quando o que importa para os evangelizadores é o acúmulo de dados e o conhecimento acumulado. O Papa os chama de novos “gnósticos”, pois “não são capazes de compreender a profundidade de certas doutrinas. Concebem uma mente sem encarnação incapaz de tocar a carne sofridora de Cristo nos outros, engessada em uma enciclopédia de abstrações”.<sup>87</sup> Conhecem um Jesus

---

<sup>83</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 07; EG 02.

<sup>84</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 07; EG 01.

<sup>85</sup> BORRAS, 2016, p. 227.

<sup>86</sup> BORRAS, 2016, p. 228.

<sup>87</sup> FRANCISCO. **Exortação apostólica *Gaudete et Exsultate***: sobre o chamado a santidade no mundo atual. São Paulo: Paulus 2018. p. 24; GE 37.

desencarnado. Pouco conseguem viver da virtude caritativa que tanto mais fala de Cristo, do que informações decoradas.

Poderíamos pensar que estes novos gnósticos referidos por Francisco sejam os racionalistas que tanto se apresentam como inimigos da fé cristã. Mas, ele se refere aos católicos.

Isso pode acontecer dentro da Igreja, tanto nos leigos das paróquias como naqueles que ensinam filosofia ou teologia em centros de formação. Com efeito, também é típico dos gnósticos crer que eles, com as suas explicações, podem tornar perfeitamente compreensível toda a fé e todo o Evangelho. Absolutizam as suas teorias e obrigam os outros a submeter-se aos raciocínios que eles usam... pretendem reduzir o ensinamento de Jesus a uma lógica fria e dura, que procura dominar tudo.<sup>88</sup>

Trata-se de um pensamento enganoso, narcisista que seduz com propostas falsas. Vem acompanhado de uma atitude autoritária que não evangeliza, mas classifica e denuncia. Trata-se de oferecer uma imagem de Igreja e do próprio Deus exatamente contrária a ideia de Deus amor e misericordioso.

A Pastoral Urbana deve ser instrumento de evangelização que descobre o desejo de absoluto que é latente nos corações. Deve oferecer ao mundo urbanizado e carente a fé em um Deus amor, que no seu próprio ser trinitário apresenta uma comunhão fortalecedora e encorajadora àqueles carentes de algo que os eleve acima do individualismo. Galli aponta que a evangelização é um chamado para a participação direta na economia da comunhão trinitária.

Qualquer roteiro de evangelização que se pense para a cidade precisa estar em um movimento constantemente criativo. Há uma dificuldade em conhecer a cidade a ponto de fixar um paradigma. “Ninguém consegue descrever as cidades. O que é possível é traçar linhas do fenômeno urbano. Conhecer uma cidade não é tarefa fácil, pois sua realidade é muito complexa e inconstante”.<sup>89</sup> Olhar para ela exige fé para enxergar a presença de Deus nos seus problemas e contradições.

---

<sup>88</sup> FRANCISCO, 2018, p. 24-25; GE 74.

<sup>89</sup> ORIOLO, 2019, p. 23.

Segundo o Papa, na cultura urbana “torna-se necessária uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus”.<sup>90</sup> É preciso levar a Palavra, mesmo que ela já não seja mais buscada.

Há uma pequena porção do povo de Deus a serviço de uma maioria. Poucos padres para uma imensa maioria de leigos. Vemos crescer a quantidade de fiéis engajados que assumem sua vocação de povo de Deus, fazendo-se participantes no exercício do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo. Embora ainda não em número suficiente, muito contribuem. Apesar de muitos padres se esforçarem com dedicação constante, as necessidades pastorais são muitas: catequese, caridade, celebração, acolhida, e muitas outras. Duas barreiras impõem grande dificuldade para que a evangelização possa progredir mais no serviço laical. Por um lado, vemos muitos que buscam os sacramentos e não assumem sua missão. Não fazem uma verdadeira experiência de fé ao buscarem os sacramentos do Batismo e da Crisma que os façam ter consciência desta responsabilidade. Em outros casos, não encontraram espaços em suas Igrejas particulares. Há tantas paróquias onde o clericalismo prevalece e os fiéis não são ouvidos nas grandes decisões. É um desafio pastoral formar leigos que, em sua vida cotidiana, façam penetrar os valores cristãos no mundo.<sup>91</sup>

## 2.4 COMUNIDADE

Na abordagem pastoral das cidades, vê-se a insistência nas características urbanas do individualismo, da pressa e da cultura do descartável. Diante disto podemos pensar que formar comunidade católica na cidade seja um grande desafio. Porém, desafio não significa impossibilidade. Exige planejamento, paciência e perseverança. Exige, também, uma abertura ao novo, rompimento com alguns paradigmas sobre a identidade e o modo como se vive em comunidade na cultura urbana.

A base da fé cristã está na relação. Deus uno e Trino é um chamado a não viver nossa fé de modo isolado e individual. A cidade caracteriza-se como um emaranhado de relações. *Evangelii Gaudium* 74 fala que a Igreja é uma interrelação entre nós e Deus, de uns com os outros e com o ambiente.<sup>92</sup> Uma visão ampla que reflete a compreensão de comunidade cristã. É um corpo vivo, composto por diferentes membros que

---

<sup>90</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 50; EG 74.

<sup>91</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 65; EG 102.

<sup>92</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 50; EG 74.

desempenham papéis únicos e interdependentes. Essa comunidade católica de fiéis deve ser unida pelo amor de Jesus que se manifestará na medida em que os membros vivam a cultura do perdão, da caridade, da mútua ajuda. O ser humano, tão diminuído dentro da enorme metrópole, vê encorajamento para suas lutas e sofrimentos quando encontra outros crentes identificados por essa mesma busca.

No *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, encontramos a importância central dessa compreensão relacional como base para a comunidade paroquial na cidade.

A relação entre Deus e o homem reflete-se na dimensão relacional e social da natureza humana. O homem, com efeito, não é um ser solitário, mas por sua natureza íntima um ser social e sem relações com os outros não pode nem viver nem desenvolver seus dotes.<sup>93</sup>

Somente na relação o homem pode exprimir-se totalmente. Sendo de condição social, cabe ao homem viver em fraternidade e comunhão. Portanto ele somente chega sua perfeição nessa dualidade de contato com Deus e com o outro. Se o homem não foi criado para viver sozinho, ele somente encontrará sua felicidade na medida em que estiver envolvido em relações saudáveis. As dimensões pessoal e social exercem influência mútua, formando um ciclo equilibrado. A cultura urbana contrapõe a vida social com a vida pessoal criando relações doentias e, como resultado, vemos o individualismo e o coletivismo massificante. No individualismo caímos no risco de nos acharmos cidadãos únicos no mundo, dotados do direito de ser superior à própria cidade. O coletivismo massificante conduz o cidadão a perder-se no meio da multidão, perder sua identidade a ponto de não mais identificar quem ele é, ou quais são suas vontades próprias.

Há necessidade de pensar em novas formas de comunidade urbana a partir da concepção de que “Deus quis nos salvar como povo, em comunidade e em contexto”.<sup>94</sup> Há um chamado para que a Pastoral Urbana seja construtora de comunidades eclesiais dentro das cidades, em

---

<sup>93</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja**; Tradução Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). São Paulo: Paulinas, 2005. p. 73; CDSI 110.

<sup>94</sup> BERNARDINO, Angelo di. O cristianismo e as cidades. In: SISTACH, Cardeal Lluís Martínez (Org.). **A Pastoral das Grandes cidades**. Brasília: CNBB, 2016. p. 111-148. p. cit. 143.

seus centros mais populosos e conurbados. A semente dela é o próprio contexto de particularidades que a forma. A proximidade aglomerada de pessoas nas cidades pode-se apresentar como uma sementeira de possibilidades de diversas interrelações cristãs. Também nas periferias, onde residem aqueles que o Papa chama de “resíduos humanos”<sup>95</sup>, frutos de uma sociedade com a prática do descartável que abandona, a formação de uma comunidade eclesial apresenta-se como lugar de acolhida e recolocação na participação social.<sup>96</sup>

Borras utiliza-se de uma expressão muito própria para tratar de um indicador à dificuldade da comunidade católica na cidade, que ele chama de “fluidez de pertença”<sup>97</sup>. Trata-se do resultado ocasionado pela mudança de paradigma prático na transmissão de certos elementos da tradição, especialmente a religiosa. Ter nascido naquela comunidade de pessoas e de costumes, ou naquele tempo específico, condicionava o indivíduo a, em via de regra, seguir a mesma religião dos demais, os mesmos costumes e ter sua vida identificada com a pertença àquele orgânico conjunto social. No tempo do descartável, a ideia de pertença já não têm mais aquela solidez duradoura das comunidades tradicionais. “Os itinerários biográficos não se escrevem mais em função de lugares estáveis e dos tempos estabelecidos: de agora em diante, são justamente condicionados pela participação aos eventos e aos tempos fortes”.<sup>98</sup>

Com o elemento de pertença enfraquecido, surgiu uma outra questão que se apresenta de forma paradoxal: o anonimato da cidade. É um anonimato em meio à multidão de pessoas. Mesmo trabalhando em empresas gigantes, comendo em restaurantes lotados, dentro de meios de transportes com muitos outros usuários, as pessoas sentem-se sozinhas. Não se trata de uma distância física, mas psicológica. A cidade fez nascer a estranha ideia de que estando misturado à grandes multidões, adquire-se uma certa proteção. É defesa e afirmação de si. Também se trata de um reconhecimento do outro. Porque, para ir ao encontro do outro o indivíduo precisa estar salvaguardado de si. Com isso podemos entender bem a exclamação do Papa Francisco:

Como são belas as cidades que superam a  
desconfiança doentia e integram os que são  
diferentes, fazendo desta integração um novo fator

---

<sup>95</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 50; EG 74.

<sup>96</sup> BERARDINO, 2016, p. 144.

<sup>97</sup> BORRAS, 2016, p. 244.

<sup>98</sup> BORRAS, 2016, p. 245.

de progresso! Como são encantadoras as cidades que, já no seu projeto arquitetônico, estão cheias de espaços que unem, relacionam, favorecem o reconhecimento do outro!<sup>99</sup>

O chamado antropológico e religioso para sermos comunidade não pode contrastar com a individualidade do ser humano. Uma paróquia que queira funcionar como território de vivência do Evangelho, prática católica e exercer sua missionariedade em meio à cidade, necessariamente terá que considerar que ela é um grande conjunto de pessoas que vivem, pensam e sentem diferente uma das outras. Assim como um mosaico é formado por deferentes peças, uma comunidade é construída a partir da diversidade entre seus membros. Cada indivíduo tem algo valioso a oferecer e essa variedade de paroquianos enriquece o todo.

Dom Oriolo dedica uma pequena parte de seu livro, “Evangelização nas cidades”, a pensar e Pastoral Urbana a partir da técnica usada para apreciar uma obra de arte em mosaico. Trata-se de uma técnica antiga e milenar com “junções de pequenas peças de vidro, mármore, ou cerâmica, utilizadas para formar desenhos e preencher, com eles, um piso, uma parede ou a superfície de um móvel”.<sup>100</sup> Essa expressão artística ganha enorme valor a partir de pequenas peças que variam em tamanhos, cores, materiais e na própria paciência criativa de seu autor.

Acima de tudo, esta arte demanda a delicadeza de um olhar que enxerga a parte e o todo. Ao encaixar uma peça pode-se perceber a necessidade da mudança. Em outros casos as peças podem estar lascadas e precisam ser concertadas. Uma peça fora do lugar pode danificar todo o desenho. “Uma genialidade da estratégia na construção dos mosaicos consiste em aproximar-se e afastar-se em diferentes ângulos, de modo a perceber a beleza do mosaico de perto e de longe.”<sup>101</sup> Ver de perto para perceber cada peça em suas particularidades. Ver de longe para enxergar o todo.

Nossas cidades são verdadeiras obras de arte em mosaico. Ao caminharmos por ela, bem de perto, vemos as irregularidades e singularidades na arquitetura, nas manifestações culturais, na forma de se organizar, nas manifestações religiosas e em cada indivíduo em si. Na concentração de tantos desiguais vemos uma unidade cheia de vida.

---

<sup>99</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 126; EG 210.

<sup>100</sup> ORIOLO, 2019, p. 15.

<sup>101</sup> ORIOLO, 2019, p. 15.

A Igreja não deve ser para si. Ela é para o mundo. Com ele caminha e estabelece um diálogo longo de reciprocidade e interesse mútuo. Apenas uma Igreja que olha para o mundo urbano com interesse apaixonado ganhará seu espaço, pois ela é sacramento do amor de Deus que tem profunda consideração pelas condições do homem. Ao estabelecer diálogo com o ambiente, não apenas entre seus fiéis e pastores, ela ganha relevância dentro do conjunto de instituições da cidade. As relações não devem ficar restritas ao próximos mais próximos, ou seja, apenas àqueles que congregam com ela. Deve alcançar os próximos distantes: na dimensão social, na vida política, nos âmbitos profissionais, recreativos e associativos.<sup>102</sup> É neste processo relacional, de observação amorosa, que se concretiza o diálogo da Igreja com a cidade. E é no seu testemunho, formando cidadãos que vivem em cada uma das áreas sociais os valores evangélicos em busca do bem comum, que serão proporcionados os encontros que se prolongam na vida fraterna do ser Igreja urbana.

---

<sup>102</sup> BORRAS, 2016, p. 253.





### 3 IGREJA EM SAÍDA

Tendo em vista que a pastoral nas cidades toma perspectivas de desafios e oportunidades, não deve ficar à espera do seu povo, sentada debaixo de suas marquises. A pastoral hodierna precisa ser aquela que toma a iniciativa, abre as portas, dá passos em direção às cidades. Ela deve ser a primeira a se interessar pelos cidadãos e não esperar que os problemas sejam trazidos até ela, mas procurar identificar as áreas de maior necessidade e agir prontamente. Deve ser uma Igreja sempre preocupada e atenta, que ultrapassa as paredes da construção e da estrutura organizada. Dentro da cidade é fundamental ter projetos de ordem social, olhando para aqueles das periferias urbanas e existenciais. Na sua gama de ação devem estar presentes a cultura, a educação, a arte, os mais pobres e necessitados, os doentes, os abandonados e tantas outras formas humanas de viver na cidade.

O Concílio Vaticano II, de uma certa forma, substituiu os termos missão e apostolado por “evangelização”. Este termo foi se popularizando e passou a ser marcadamente usado no vocabulário teológico e pastoral dos últimos tempos. Evangelização vem de Evangelho, anúncio da “Boa Nova”, de uma boa notícia. A notícia boa carrega consigo uma alegria nova que se plenifica quando se concretiza. João Paulo II traz novamente o termo missão. Entendido, porém, como uma “nova evangelização”. O Papa Francisco substituiu o termo “nova evangelização” por “Igreja em saída”.<sup>103</sup> Está em uma perspectiva centrífuga, que lança para fora e rompe com a ideia de uma Igreja autorreferencial.

Sair é uma constante nas Escrituras. Abraão e Moisés, por exemplo, são colocados como peças-chaves no dinamismo de construir um povo a partir do chamado a sair. O “Ide” de Jesus aos apóstolos impulsionou o cristianismo a alastrar-se por boa parte de todo o mundo. Nunca foi um chamado para caminhos fáceis, tampouco foram caminhos iguais para todos, mas estiveram presentes grandes desafios que, à luz da Palavra e impulsionados pelo Santo Espírito se transformaram em oportunidade de missão evangelizadora. Diz o Santo Padre que “cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da

---

<sup>103</sup> BRIGHENTI, Agenor. Evangelização e Pastoral Urbana. In: WOLFF, Elias; PALAFOX, Antônio Ernesto; PEREZ, Benjamin Bravo. **A teologia e a pastoral na cidade: Desafios e possibilidades atuais**. São Paulo: Paulus, 2021. p. 133-154. p. cit. 138.

própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho”.<sup>104</sup>

Neste capítulo recolhemos sugestões e orientações práticas do Papa Francisco para a atuação da Igreja nas cidades.

### 3.1 SER IGREJA QUE “PRIMEIREIA”

Ao tomar a iniciativa de se colocar à frente, a Igreja segue o exemplo de Jesus Cristo, que ensinou a importância de amar e servir ao próximo. Busca ser um reflexo do amor de Deus no mundo, promovendo ativamente a vida em plenitude e trabalhando pela transformação social. A característica mais marcante da Igreja em saída, segundo o Papa, “é a comunidade de discípulos que primeireiam, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam”.<sup>105</sup> A experiência de ver que o Senhor, o Mestre, tomou a iniciativa no amor, deve fomentar este dever de ir à frente e sem medo tomar a iniciativa. A pastoral precisa estar sempre em estado de conversão. Não dá para ficar parada, estagnada com trabalhos administrativos. Vem daí o apelo para que a Igreja esteja num estado permanente de missão, em saída para todas as regiões do mundo.<sup>106</sup> Podemos pensar que a Pastoral Urbana é essa proposta de conversão que está em missão constante de andar pelas cidades, pelos subúrbios, pelos prédios, salas de teatro, shopping center, e todos os lugares onde houver uma pessoa que possa ser evangelizada.

Comentando a nova proposta evangelizadora de Francisco, Emilce Cuda diz que tomar a frente na iniciativa de fazer algo pelos marginalizados da cidade, não significa mandar para eles os maiores teólogos. Corre-se o risco de serem missionários que apenas irão para dizer como devem fazer ou para colocar sobre eles a responsabilidade pela sua terrível condição. Ao sair dos claustros, salas acadêmicas e templos, tornam-se missionários ouvindo os gritos da cidade.<sup>107</sup> Muitas vezes os gritos não conseguem alcançar as secretarias paroquiais e as sacristias. Neles encontraremos o que Deus fala hoje para sua Igreja. Com eles, não apenas para eles, devemos organizar uma maneira de tomar atitude concreta em relação às vítimas da cultura urbana do descartável e para voltar à unidade entre a Igreja e a cidade. Para compreender e entender do quê precisa o povo de Deus que está na cidade, preciso conviver com ele.

---

<sup>104</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 19; EG 19.

<sup>105</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 21; EG 24.

<sup>106</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 22; EG 25.

<sup>107</sup> BRIGHENTI, 2016, p. 234.

Assim como é necessário conviver com um povo para compreender sua língua.

Emilce fala da pastoral diabólica quando a Igreja entra na política de dividir a cidade em duas: os bons e os maus, os cidadãos e os marginais, a Igreja e os outros. É uma prática “diabólica colaborar com a divisão de uma cidade em duas cidades. A identidade de um povo não é alcançada construindo paredes entre o centro e a periferia, mas construindo pontes”.<sup>108</sup>

Colocar-se como quem toma a atitude é entender que a cidade não é apenas destinatária da pastoral. O povo dela é agente eclesial, vivo e atuante quando entende que:

A cidade não é apenas uma ideia, é uma realidade que clama aos céus. Portanto, a unidade de análise da Pastoral Urbana para pensar e realizar um projeto é o grito concreto dos pobres e da terra, isto é: o sofrimento concreto, não a ideia. Por isso, segundo o Papa Francisco, a realidade é superior à ideia. É sobre ouvir primeiro, depois pensar e agir. Mas para ouvir, é preciso aprender a língua das pessoas que vivem nas margens.<sup>109</sup>

A Igreja em sua missão de evangelizadora é também peregrina. Francisco lembra, na *Evangelii Gaudium*, que ela existe por uma iniciativa livre e totalmente gratuita de Deus. Está em seu desejo divino a ideia de uma iniciativa de amor, ser o que embala o fazer. É importante saber que a pastoral em saída é uma atividade que somente pode acontecer se for entendido que fomos chamados e lançados nessa iniciativa de Deus.<sup>110</sup> Ele é que primeireia sempre.

### 3.2 SAIR E FACILITAR

---

<sup>108</sup> CUDA, Emilce. Evangelização e Pastoral Urbana. In: WOLFF, Elias; PALAFOX, Antônio Ernesto; PEREZ, Benjamin Bravo. (Orgs.). **A teologia e a pastoral na cidade**: Desafios e possibilidades atuais. São Paulo: Paulus 2021. p. 229-250. p. cit. 241.

<sup>109</sup> CUDA, 2016, p. 242.

<sup>110</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 71; EG 112.

Já vimos o quão desafiador é o fenômeno da urbanização para o cristão. Há aqueles que se assustam e só enxergam problemas e ameaças. Mas, também, existem aqueles que veem como um grande campo de pastoreio e uma oportunidade. Fica-nos a pergunta: qual é o lugar da Igreja nas cidades? O perigo atual das paróquias urbanas é que se isolem da cidade. Ser uma presença material ou apenas mais uma opção de espiritualidade em meio a tantas outras.

O crescimento urbano frenético e acelerado causou certo estranhamento e assustou a pastoral da Igreja Católica. Toda a sua estrutura histórica, bastante pesada em tradição foi sacudida. Para alguns se tornou ocasião de fechamento. Estes acreditam que o fechamento no saudosismo e fundamentalismo seja o melhor meio de salvaguardar a vida paroquial dos “perigos” de viver no mundo.<sup>111</sup> O que se sabe ao certo é que o mundo plural da cultura urbana não aceita estruturas fechadas que o ignorem. O tempo da cristandade passou, para o bem ou para o mal. Portanto:

vivemos hoje uma encruzilhada. Há os que optam pela estrada do retorno, onde buscam segurança e estabilidade, sem perceber que, depois de alguns quilômetros de caminhada, terão entrado em um beco estreito e sem saída. Há quem aceite o desafio da redefinição constante, em que atingir uma meta não passa de uma etapa da história, sempre apontando para o infinito a ser buscado, tornando vivo os sinais do reino presente no hoje de nossa existência.<sup>112</sup>

Pode-se dizer que o chamado a sair é mais do que necessário. Porque o Pai quer que a Boa Nova seja levada a todos. A alegria do Pai é que nenhum de seus pequeninos se perca. Por isso a Igreja é chamada ao pastoreio que sai pelos campos, reencontra a ovelha perdida e a reintegra no seu rebanho.<sup>113</sup> É preciso ter o olhar ampliado para entender que este objetivo é maior do que a ideia de guardar e proteger a paróquia dos “perigos” do mundo. Diz o Papa que “o todo é superior a parte”.<sup>114</sup> Isso

---

<sup>111</sup> GODOY, Manoel José de. Uma pastoral com rosto urbano. In: BRIGHENTI, Agenor; AQUINO, Francisco Jr. (Orgs.). **Pastoral Urbana: Novos Caminhos para a Igreja nas Cidades**. Petrópolis: Vozes, 2021. p. 141-159. p. cit. 141.

<sup>112</sup> GODOY, 2016, p. 142.

<sup>113</sup> FRANCISCO, 2013a. p. 137; EG 237.

<sup>114</sup> FRANCISCO, 2013a. p. 137; EG 237.

porque ao Pai o que interessa é ter todos em volta da mesa. Mas isso não significa afirmar que tudo vale. “É preciso alargar sempre o olhar para reconhecer um bem maior que trará benefícios a todos nós. Mas há o que fazer sem se evadir nem se desenraizar”.<sup>115</sup>

Muitos agentes pastorais de nossas paróquias fazem parte deste conjunto de pessoas que tentam revestir a Igreja com uma armadura que a proteja do mundo secular. Não o fazem com má intenção, pelo menos a maioria. Mas acabam por fechar portas com regras exageradas, burocratização e dificuldades de uma estrutura pastoral pesada. O Papa Francisco diz que “isto se deve também à existência de estruturas com clima pouco acolhedor em algumas de nossas paróquias e comunidades ou a atitude burocrática com que se dá resposta aos problemas, simples ou complexos, da vida dos nossos povos.”<sup>116</sup> Para tanto faz-se necessária uma verdadeira conversão pastoral que facilite o acesso e o alcance das pessoas para que vivam bem sua religiosidade. O âmbito administrativo não deve ser maior que o pastoral, e a evangelização precisa falar mais alto que a sacramentalização.

Em um artigo da revista “Vida Pastoral”, padre Antoniazzi faz uma excelente análise sobre uma das formas de conversão que a Pastoral Urbana necessita:

A realidade urbana contemporânea exige que a pastoral leve em conta, antes de tudo, a emergência da subjetividade e valorize a participação da pessoa. Isso traz uma inversão de enfoque para a pastoral “tridentina”, centrada na “objetividade da fé” (na apresentação da “reta doutrina” e da “disciplina legítima”). Em outras palavras, a pastoral tradicional punha o acento sobre o “emissor” (logo, sobre a ação do pastor ou do clero); a Pastoral Urbana deverá colocar o acento sobre o “receptor” ou, ainda melhor, deverá substituir, a um processo de comunicação vertical ou unidirecional (pastor - fiéis), um diálogo ou uma intercomunicação.<sup>117</sup>

---

<sup>115</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 136; EG 235.

<sup>116</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 44; EG 63.

<sup>117</sup> ANTONIAZZI, Alberto. Para um programa de pastoral urbana. **Vida Pastoral**, São Paulo, n. 169, p. 29-32, 2009. não paginado. Disponível em: <<https://www.vidapastoral.com.br/artigos/temas-pastorais/para-um-programa-de-pastoral-urbana/>>: Acesso em: 12 jun. 2023.

Mesmo que possa se manifestar diferente da forma objetiva da experiência católica, a fé subjetiva do fiel precisa ser valorizada. Porque a busca por uma maneira de expressar a fé que existe dentro da pessoa é um ponto de partida sólido para se fazer uma verdadeira experiência religiosa. Por mais que seja superficial e rigidamente restrita, com comunicação e pastoreio baseados no respeito e em um diálogo autêntico, aquela ideia religiosa inicial pode tornar-se um profundo mergulho na vida de Igreja.

A distância entre a moral cristã católica, as diretrizes do Magistério da Igreja e a concepção de valores dos fiéis têm aumentado cada vez mais. Muito influenciada pelo secularismo, individualismo e relativismo dos valores nas culturas hodiernas. Isto vem se apresentando como um distanciador entre o pastor e os fiéis. Mas há uma maneira de facilitar a aproximação. “Cabe ao pastor explicar o sentido das orientações da Igreja, mas também deixar claro o primado da consciência”.<sup>118</sup> Não se trata de aceitar tudo, numa luta proselitista para encher a Igreja. Mas alcançar a disposição de compreensão por parte do fiel. Mostrar que, de maneira nenhuma, a Igreja quer ser aquela que lhe fecha a porta por não estar com todos os sacramentos em dia, por exemplo.

Precisamos uma Pastoral Urbana que consiga inserir a Igreja na vida cotidiana e comum dos habitantes das grandes cidades. O ser Igreja não deve estar restrito apenas ao ir à missa e pagar o dízimo. Historicamente foi-se constituindo terreno para este distanciamento. Teve início quando o conjunto de realidades e espaços externos às paredes das Igrejas, bem como costumes não exatamente cristãos, foram deliberados como oposição à vida piedosa e digna de santidade. Agora vemos o desafio de unir a fé e a cultura, a fé e as diversas faces da cidade. Tem que se combater a tendência moderna de separar como que em gavetas cada uma das esferas humanas. A Pastoral Urbana é missionária no sentido de levar a fé a ser presença na política, na cultura, na educação, nas ciências e nas mais diversas manifestações humanas dos cidadãos.<sup>119</sup>

Já no último ponto da *Evangelii Gaudium* o Papa mostra uma face bastante inspiradora para a práxis do pastoreio que quer facilitar os encontros entre a Igreja e seus fiéis: Maria, a mãe de Jesus. O estilo mariano deve ser o jeito de evangelizar da Igreja. Distante da rigidez e da burocratização que mais afasta do que acolhe, somos chamados a encontrar nela o modelo eclesial de evangelização. “Porque sempre que

---

<sup>118</sup> ANTONIAZZI, 2009 não paginado.

<sup>119</sup> ANTONIAZZI, 2009 não paginado.

olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto”.<sup>120</sup>

### 3.3 ESTAR PRESENTE

No número vinte e quatro da *Evangelii Gaudium*, fala-nos o Papa que a Igreja em saída não se faz como em uma viagem de turismo pela cidade. Ele deve ser presença. Esta presença acontece quando há envolvimento e atitudes concretas. A inspiração para esse impulso de saída vem da própria experiência do encontro misericordioso com Jesus. Cada pessoa que fez o encontro pessoal com Ele vive esse desejo inexaurível de oferecer misericórdia.<sup>121</sup>

Na *Fratelli Tutti*, a Igreja é definida neste sentido quando diz que ela é “chamada a encarnar-se em todas as situações e estar presente através dos séculos em todo lugar da terra – isso significa católica”.<sup>122</sup> Não devemos pensar a Igreja como uma parte separada do mundo. Assim, dentro da cidade ela não pode ser apenas mais uma instituição em meio a tantas. Como se lhe fosse interessante apenas uma parte dela. “Tudo que é humano nos diz respeito”<sup>123</sup>, diz o Papa. Então a Igreja deve estar interessada em todas as partes onde lhe é permitido estar.

Durante a homilia proferida pelo Papa Francisco na ocasião da primeira missa crismal como bispo de Roma, numa Quinta-feira Santa, exortava os sacerdotes a irem para as “periferias, onde o povo fiel está mais exposto”<sup>124</sup>. Essa presença para além da sacristia e da secretaria enriquece a Igreja e a própria pessoa do padre. É o próprio padre o primeiro a ganhar com essa atitude de saída para estar presente no mundo. Se não agir assim, o padre “Perde o melhor do nosso povo, aquilo que é capaz de ativar a parte mais profunda do seu coração presbiteral. Quem não sai de si mesmo, em vez de ser mediador, torna-se pouco a pouco um intermediário, um gestor.”<sup>125</sup>

---

<sup>120</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 165; EG 288.

<sup>121</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 21; EG 24.

<sup>122</sup> FRANCISCO, 2020, p. 142; FT 278.

<sup>123</sup> FRANCISCO, 2020, p. 142; FT 278.

<sup>124</sup> FRANCISCO. **Homilia da Santa Missa crismal**. Vaticano, 28 mar. 2013b.

Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco\\_20130328\\_messa-crismale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130328_messa-crismale.html)>.

Acesso em: 01 maio. 2023.

<sup>125</sup> FRANCISCO, 2013b, não paginado.

No meio de um rebanho tão numeroso como o da cidade, o padre, e com ele toda a Igreja, como um exemplo de serviço, é chamado a ser “pastor com cheiro de ovelha”.<sup>126</sup> Não se trata de ficar olhando de fora para dentro das cidades, em salas, enumerando os mais diversos problemas de ordem social e espiritual que afetam o rebanho cidadão. Mas, quer o Papa, que estejam presentes em meio à multidão. Tanto os padres, quanto os agentes da pastoral nas grandes cidades, terão uma pregação eficaz se feita no meio do povo.

Elmice Culda fala que o homem e a mulher católicos precisam entender-se pertencentes à cidade, sendo seus cidadãos. Tem-se criado uma ideia de que, para alcançar a santidade, é necessário se afastar cada vez mais, quanto possível, do mundo. Isso ainda é muito presente porque impera o pensamento da cidade como destinatária da pastoral, não como o lugar da pastoral. O povo, não apenas os sacerdotes, precisa entender-se como agente pastoral.<sup>127</sup>

### 3.4 ACOLHER E ENVOLVER

Na disposição da Igreja em ser servidora nas grandes cidades, a pastoral precisa estar disposta a acolher e envolver nela mesma os fiéis. Uma Pastoral Urbana que acolhe e que envolve precisa, em primeiro lugar, ser conhecedora dos desafios específicos enfrentados pelas pessoas que estão nestes lugares. E nesse contexto oferece abrigo e cuidado, em todos os âmbitos, promovendo o bem comum. É uma exigência para todos os agentes pastorais, líderes comunitários e os próprios padres.

Erivaldo Dantas, em um artigo da revista “Vida Pastoral”, fala que esse novo modelo de evangelização convida a deixar as portas das igrejas abertas para quem quiser chegar-se a ela. Devemos ser “uma Igreja de portas abertas, a fim de acolher e oferecer a todos o testemunho salvífico do Senhor. É uma Igreja que busca iluminar a humanidade com as luzes do Evangelho, sem condicionar a fé cristã num emaranhado de obsessões e procedimentos”.<sup>128</sup> Trata-se de uma luz sobre a vida pastoral da Igreja nos centros urbanos clareando a necessidade de que haja uma verdadeira reforma eclesial segundo a práxis do próprio Jesus que acolhia a todos.

---

<sup>126</sup> FRANCISCO, 2013b, não paginado.

<sup>127</sup> CUDA, 2016, p. 242

<sup>128</sup> DANTAS, Erivaldo. Por uma “Igreja em saída”. **Vida Pastoral**, revista da Paulus, São Paulo, ano 61, n. 331, p. 30-37, 2020. Não paginado. Disponível em: <<https://www.vidapastoral.com.br/edicao/por-uma-igreja-em-saida/>>. Acesso em: 25 de mar. 2023.



Qualquer estrutura que tente condicionar o dinamismo missionário da Igreja nas cidades precisa ser revista e transformada.

Francisco ressalta que “sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa correr pelo mundo sem direção nem sentido”.<sup>129</sup> Podemos correr o risco de pensar que devemos encontrar os menos favorecidos, nos ocuparmos deles, oferecermos algum tipo de ajuda momentânea ou duradoura e voltar para dentro da comodidade de nossos templos. A Igreja não é chamada a ser assistencialista. À luz do Evangelho, entendemos que devemos ser “uma Igreja capaz de abrir suas portas para acolher todos aqueles que queiram entrar, sem a necessidade de uma “vistoria alfandegária” ou de bater à porta e perguntar se é permitido entrar ou não”.<sup>130</sup> As estruturas físicas e pessoais das paróquias precisam ser facilitadoras da graça de Deus aos mais necessitados dela, não uma alfândega.

Vivemos um tempo novo de missão na Igreja em que, o Santo Padre nos convidou à “Sinodalidade”. Em uma fala na Sala Paulo VI, ele dirige bem a expressão “sinodalidade” como sendo, de fato, “caminhar juntos”. “Não é um capítulo de um trabalho de eclesiologia, muito menos uma moda, um slogan ou o novo termo a ser usado ou instrumentalizado em nossos encontros. Não! A sinodalidade expressa a natureza da Igreja, a sua forma, ou o seu estilo, a sua missão”.<sup>131</sup> Trata-se de uma cultura de ter ouvidos para escutar o povo de Deus e, nele, ouvir a própria voz de Deus. Caminhar juntos como quem se sente igual sob o amor de Deus que chama todos a serem Igreja. Sem se exaurir no mundo a Igreja deve acolher e integrar todos os que a buscam.

Uma Igreja acolhedora deixa suas portas abertas para todos, especialmente os mais marginalizados. Quando fechamos as portas, e não somente as físicas, limitamos muito a oportunidade de conversão. A nova evangelização não combina com uma Igreja que separa aqueles que se encaixam como fiéis a ortodoxias e aqueles que são subjugados por elas. Se não lhes é permitida uma acolhida misericordiosa e cordial, não haverá amor que transforma as vidas. Não se sentindo acolhida, a pessoa não despertará para a necessidade da mudança.

---

<sup>129</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 34; EG 46.

<sup>130</sup> DANTAS, 2020, não paginado.

<sup>131</sup> MASOTTI, Adriana. **O Papa**: Sinodalidade não é um slogan, significa essencialmente “caminhar juntos”. [s.l.]: Vatican News. 18 set. 2021. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-09/papa-francisco-encontro-diocese-roma-sinodalidade.html>>. Acesso em: 20 maio 2023.

A *Fratelli Tutti*, faz-nos lembrar de duas realidades bastante simples e pobres da nossa história que, apesar disso, não dispensavam o enorme valor da hospitalidade acolhedora:

Muitas populações pequenas e sobrevivendo em áreas desérticas conseguiram desenvolver uma generosa capacidade de acolhimento dos peregrinos que passavam, dando, assim, um sinal exemplar do dever sagrado da hospitalidade. Viveram também as comunidades monásticas medievais, como se verifica na *Regra de São Bento*. Embora pudessem perturbar a ordem e o silêncio dos mosteiros, São Bento exigia que se tratassem os pobres e os peregrinos com toda consideração e carinho possíveis.<sup>132</sup>

A hospitalidade é uma característica cristã das mais oportunas para testemunhar o Evangelho. Vem do próprio Cristo que acolhia e deixava-se ser acolhido. É a expressão mais concreta deste dom fraterno de deixar a si próprio para ir ao encontro do outro. Muitos imigrantes e refugiados encontram nas nossas paróquias urbanas seu primeiro lar na nova terra. Muitos outros são os cidadãos em situação de rua que encontram nas estruturas da Igreja um lugar para tomar seu banho, se alimentar e buscar orientações básicas de cidadania. São ações que devem ser valorizadas e multiplicadas pela Pastoral Urbana.

### 3.5 CUIDAR DA CASA COMUM

Dentre tantas conversões que a evangelização nas grandes cidades tem a missão de realizar, está a ecológica. A pastoral como promotora do bem comum tem a grande oportunidade de lançar luz no desafio de conciliar o crescimento acelerado das cidades com a conservação ambiental. Entendendo que não são duas coisas antagônicas, a Pastoral Urbana reconhece que as questões ecológicas são intrinsecamente ligadas à vida nas cidades. Quando a *Evangelii Gaudium* fala sobre os novos modos de relações que os tempos modernos nos impõem, um deles é a relação com o meio ambiente.<sup>133</sup>

---

<sup>132</sup> FRANCISCO, 2020, p. 52; FT 90.

<sup>133</sup> FRANCISCO, 2013a, p. 50; EG 74.

Na Carta Encíclica *Laudato Si'*, o Papa Francisco diz ser urgente a tomada de decisão pela proteção da “casa comum”.<sup>134</sup> Trata-se de um apelo a toda a humanidade para que o desenvolvimento da sociedade seja pensado de maneira sustentável. Um grande passo é a quebra de paradigma de que crescimento urbano e preservação do meio ambiente não podem caminhar juntos. Um não precisa ser, necessariamente, inimigo do outro. Embora o crescimento urbano possa apresentar desafios para a conservação do meio ambiente, como a perda de áreas verdes e o aumento da poluição, é possível adotar abordagens e estratégias que conciliem o desenvolvimento urbano com a preservação ecológica. A Igreja, como suscitadora de debates e formadora de opinião, tem a missão de fazer a comunidade urbana pensar sobre esse assunto.

Quando eleito Bispo de Roma, o Papa adota o nome de Francisco. Na *Laudato Si'* ele faz referência ao quanto o nome Francisco carrega essa identidade do Santo que tinha um exemplo de cuidado por excelência, principalmente pelo que era frágil. A partir disso ele percebe que a Igreja deve ser promotora do que o Papa Francisco chama de “ecologia integral”.<sup>135</sup> Essa forma de vida integral exige cuidado e atenção que transcendem a ciência, a biologia e a economia dos lugares. Deve ser um cuidado para aquilo que está na essência do ser humano, por exemplo, o que acontece quando uma pessoa se apaixona por outra. O Papa lembra o modo como São Francisco olhava o sol, a lua, os animais e toda a criação, manifestando com ela laços de carinho, ao ponto de considerar toda a criação sua irmã.<sup>136</sup> Se percebermos desta maneira, tão sadia, toda a natureza presente em uma cidade, despertaremos em nós o sentido de cuidado.

Um mundo cada vez mais urbano exige que a evangelização seja, também, ecológica. Nosso tempo apela para uma conversão neste sentido. Afonso Murad fala que essa conversão ecológica “envolve também o cuidado das riquezas culturais da humanidade e das culturas locais.”<sup>137</sup> Ela tem um sentido sempre amplo e evoca atividade e participação das pessoas. A cultura é agregadora e mobilizadora de comunidade. Nela

---

<sup>134</sup> FRANCISCO. Carta Encíclica **Laudato Si'**. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 13; LS 13.

<sup>135</sup> FRANCISCO, 2015, p. 10; LS 10.

<sup>136</sup> FRANCISCO, 2015, p. 11; LS 11.

<sup>137</sup> MURAD, Afonso. Evangelização nas cidades e conversão ecológica: Sugestões a partir das *Diretrizes* da CNBB. In: BRIGHENTI, Agenor; AQUINO, Francisco Jr. (Orgs.). **Pastoral Urbana: Novos Caminhos para a Igreja nas Cidades**. Petrópolis: Vozes, 2021. p. 181- 205. p. cit. 182.

acontece a relação do ser humano com o meio ambiente. A cultura da cidade é a identidade do seu povo. O Papa Francisco fala que para preservar a ecologia na cidade não é necessário destruir tudo e reconstruir do zero. Ao contrário, isso seria um mal maior do que um bem possível. Assim ele nos escreve na *Laudato Si'*:

Não se trata de destruir e criar novas cidades hipoteticamente mais ecológicas, onde nem sempre resulta desejável viver. É preciso integrar a história, a cultura e a arquitetura de um lugar, salvaguardando a sua identidade original. Por isso a ecologia envolve também o cuidado das riquezas culturais da humanidade, no seu sentido mais amplo.<sup>138</sup>

Não se tratam apenas de monumentos ou construções históricas, pura e simplesmente. Mas de relações humanas em sentido vivo de dinamismo e participação. Quando se quer rever a relação do ser humano com o meio ambiente, eles não podem ser excluídos.

O desejo do Santo Padre, de uma sociedade apaixonada pela ecologia, encontra a barreira do espírito da especulação imobiliária das grandes cidades. Os espaços não podem mais ser organizados visando seu maior lucro econômico e ocasionando a exclusão do pobre para as periferias. A mudança não será fácil, “pois comporta uma nova mentalidade, não mais centrada na dominação sobre a natureza, mas sim no espírito de fraternidade em relação à terra”.<sup>139</sup> A cidade deve ser planejada com a intenção de abraçar a todas as pessoas, o território e a natureza. A Igreja é este sinal de esperança para um novo paradigma ecológico. Ela é discípula e sinal do amor de Deus, que transforma as relações humanas. Sobre isso diz o Papa:

O amor, cheio de pequenos gestos de cuidado mútuo, é também civil e político, manifestando-se em todas as ações que procuram construir um mundo melhor. O amor à sociedade e o compromisso pelo bem comum são uma forma eminente de caridade, que toca não só as relações entre os indivíduos, mas também as macrorrelações

---

<sup>138</sup> FRANCISCO, 2015, p. 118; LS 143.

<sup>139</sup> MURAD, 2016, p. 183.

como relacionamentos sociais, econômicos e políticos.<sup>140</sup>

Trata-se de uma conversão exigente diante do modelo econômico atual onde prevalecem o descartável e o lucro acima do bem comum. A nossa fé em Cristo carrega uma convicção de que cada pessoa possui e reflete algo de Deus. Ele assumiu nossa natureza e nosso mundo em si. Jesus ressuscitado habita o íntimo de cada um de nós. Vivendo essa verdade de fé nos diversos lugares em que os católicos ocupam na sociedade urbana, faremos uma conversão estrutural a partir do pessoal.

Ao comentar a Exortação Apostólica *Querida Amazonia*, dando respostas ao grande problema do consumismo e da cultura do desperdício para a ecologia integral, Olga Consuelo Vélez Caro diz que é preciso formar as pessoas para serem diferentes em suas atitudes básicas. Grande oportunidade surge da vida de Igreja, que retira do isolamento social, insere na comunidade.<sup>141</sup> A exortação alerta para a importância do resgate da crise do isolamento social e do quanto ele é danoso para a ecologia integral: “Quanto mais vazio está o coração da pessoa, tanto mais necessita de objetos para comprar, possuir e consumir”.<sup>142</sup> Diz ainda que os cristãos cidadãos devem ser orientados a terem “um estilo de vida menos voraz, menos severo, mais respeitador, menos ansioso e mais fraterno”.<sup>143</sup>

De uma maneira muito prática Olga nos aponta uma ação fecunda para a Pastoral Urbana. Trata-se de uma contemplação sobre a cidade. Olhar para ela e enxergar que, de fato, Deus está nela. Em meio aos cidadãos vemos Deus que continua a promover solidariedade, fraternidade e o desejo do bem comum. É nesse sentido que a Igreja deve reconhecer tantas organizações que se empenham em um esforço ecológico que se concretizam antes mesmo da chegada da evangelização.<sup>144</sup> Com essas forças a evangelização pode unir suas forças e fomentar uma verdadeira responsabilidade social para com o meio ambiente.

---

<sup>140</sup> FRANCISCO, 2015, p. 182; LS 231.

<sup>141</sup> CARO, Olga Consuelo Vélez. Pastoral Urbana e ecologia integral. In: WOLFF, Elias; PALAFOX, Antônio Ernesto; PEREZ, Benjamin Bravo. **A teologia e a pastoral na cidade: Desafios e possibilidades atuais**. São Paulo: Paulus 2021. p. 303-324. p. cit. 314.

<sup>142</sup> FRANCISCO, 2020, Não paginado; QA 59

<sup>143</sup> FRANCISCO, 2020, Não paginado; QA 58.

<sup>144</sup> CARO, 2016. p. 316.

Ainda que o Santo Padre tenha se dirigido à Amazônia, sua mensagem pode ser colocada diretamente para as grandes cidades. Ele exorta o povo “para ajudar a despertar a estima e solicitude por esta terra, que também é nossa, convidando-o a admirá-la e reconhecê-la como mistério sagrado”.<sup>145</sup> A pregação precisa estar encarnada na realidade de cada realidade urbana sem demonizá-la. Isso acontece quando se consegue perceber seus aspectos positivos e enxergar, para além dos prédios, as belezas da natureza, seja num pássaro, nas árvores de uma praça ou no pôr do sol, visto da janela do apartamento. A cabeça, abaixada pelo individualismo e pela correria, deve ser erguida para que surja uma nova atitude ecológica de contemplação.

Esta ecologia integrada tanto pedida pelo Papa Francisco é um apelo à conversão urbana, que vai além de cuidar das plantas e animais das cidades. Mas chama-nos ao cuidado da casa comum e das interações humanas dentro dela. A Igreja precisa ser uma resposta eficaz às consequências devastadoras para a vida humana do consumismo e das buscas desenfreadas por uma economia puramente lucrativa que exclui. De maneira mais direta, quando não se vive a integração do humano com a criação e com Deus, os mais afetados são os pobres marginalizados. A Igreja Católica precisa estar em atitude de saída para encontrar tantos que possuem essa luta em comum, como os ambientalistas e cientistas. É preciso ultrapassar a preocupação apenas com a espiritualidade individual e lançar-se para a coletividade da cidade. Um grande desafio que se transforma em uma enorme oportunidade.

---

<sup>145</sup> FRANCISCO, 2020, Não paginado; QA 5.

## CONCLUSÃO

‘Deus vive na cidade.’ De fato, há uma presença viva e ativa de Deus nas nossas cidades. Reconhecendo que o mundo urbano é um espaço humano de desenvolvimento em todas as suas dimensões: social, cultural, econômica e religiosa, vemos a realidade de presença nas experiências, nos desafios, nas angústias e nas mais diversas aspirações dos que vivem nas cidades.

A partir dos desafios que a sociedade organizada em grandes metrópoles atribui para a ação pastoral da Igreja Católica, o Papa Francisco deixa em evidência a Pastoral Urbana. Nem sempre o que nos assusta pela estranheza da exigência, é motivo de paralisar-se. O Papa nos ensina que, com a graça de Deus, torna-se um grande horizonte de possibilidades para que se construa o Reino Novo anunciado por Jesus. Não há menção alguma sobre facilidades para aquele ou aquela que se colocar à disposição do Senhor na evangelização da cidade. É preciso entender que a certeza de que Deus tem lugar dentro desta sociedade urbana traz implicações pastorais significativas.

Não há um primeiro passo mais acertado do que o mandato de Francisco para sermos uma Igreja em saída. Esse movimento procede diretamente da Trindade. O Pai veio ao encontro do seu povo escolhido, adotou-o e o acompanhou. O Pai se colocou como uma presença que cuida, educa e liberta o povo que, por várias vezes, se perde nas misérias de sua própria existência. Também o Filho, Jesus Cristo, na mais completa atitude de saída, encarna-se. O Filho nos assume por completo. Jesus assumiu as cidades por onde andou: viveu sua cultura, pisou em seu chão, foi cidadão e, principalmente, não deixou nenhum cidadão que estivesse desprezado pela cidade, sem que fosse acolhido e reinserido nela. E o Santo Espírito fez de nós sua morada. É Ele quem nos lança para fora, para a cidade. Repousa sobre nós dentro dos cenáculos de hoje e faz arder a vontade missionária de levar o Evangelho para além das paredes e marquises. Escancara as portas trancadas pelo medo das mudanças aceleradas demais dos tempos hodiernos.

A Igreja é missão e para isso ela existe. Portanto, importa muito que se valorize a Pastoral Urbana como dissipadora da boa nova. Ela é uma necessidade urgente para todos aqueles que ficaram para trás no desenfreado crescimento econômico das cidades. Há uma urgência irremediável para que a alegria do Evangelho alcance àqueles vitimados pela cultura do descartável e abandonados no individualismo de uma sociedade globalizada.

O imperativo evangélico de Jesus, “ide e evangelizai por todos os povos”, não aparece na escritura sem que tenha sido cumprido pelo próprio Jesus. Cidades e povoados receberam a visita do Senhor. Nelas pregou e cuidou das feridas de seus povos. Por isso, é para nós um imperativo do Evangelho para as cidades do mundo atual. Do início do cristianismo, passando pela Idade Média e Moderna, grandes povos formaram cidades sob os alicerces do cristianismo. Algumas, literalmente, tinham a igreja no seu centro. Ela foi desbravadora, desenvolvedora de culturas e fomentadora de desenvolvimentos sociais por longos séculos. Hodiernamente, a Igreja já não está mais no centro das cidades. Tanto no aspecto físico, quanto como instituição referencial para a resolução de grandes problemas humanos. Ainda assim, a Igreja não pode ser indiferente. Faz-se necessária uma profunda conversão pastoral que opere a mudança de apenas ser conhecida para ser reconhecida, dada sua importância para o bem comum.

No contexto urbano, fomenta-se constantemente uma sementeira de novas reflexões acerca das relações entre a sociedade e as estruturas das cidades. A Igreja pode e deve ocupar-se em encarar a cidade como lugar teológico, e não deixar esgotar o interesse por pesquisas e reflexões com esse viés. Somando-se a outras tantas instituições com interesses comuns acerca do bem estar humano, pode promover aprofundamentos que promovam a cidade como lugar de excelência para o pleno desenvolvimento do ser humano.

O grande desafio de anunciar o Evangelho nas cidades está, também, na dificuldade de formar comunidades religiosas. Curiosamente, na era das comunicações sociais imediatas, um termo ganhou destaque: globalização. Pessoas interligadas em tempo real pelo mundo inteiro, porém, completamente desconhecida em sua rua, bairro, ou pelo vizinho de apartamento. Novos costumes e modelos de vida surgem periodicamente suscitando novas formas de cultura e influenciando diretamente na população. Uma consequência é a fragilidade da tradição e dos bons costumes evangélicos, desproporcionando uma vida moral solidificada. Tudo é muito passageiro e imediato. É urgente pensar formas de fazer as virtudes e os valores não sucumbirem perante a pressa e o descartável. Bem como impulsionar um conjunto pastoral que crie identidade de comunidade, ainda que ela seja constituída por diversidade.

Percebe-se que há muita resistência quanto a conversão pastoral por parte de lideranças e de muitos do clero. Apesar de muitos avanços, ainda existem as paróquias com estruturas clericalistas e lideranças pastorais em disputas de poder. É urgente que se empregue uma nova reflexão teológica para que as portas das igrejas estejam abertas às



peças novas e diferentes que desejam entrar e, também, aquelas de dentro que precisam sair.

Não tendo esgotado as possibilidades de pesquisa nesta área, espera-se, que seu resultado contribua, de alguma forma, para a evangelização nas cidades. Que seja uma luz a fazer enxergar os desafios como oportunidades. Nossa exposição deixou claro que a Pastoral Urbana ganhou muito com o papado de Francisco. A cidade é um desafio permanente que deve ser pensado constantemente em vista de gerar maiores e mais profundas pesquisas acadêmicas.



## REFERÊNCIAS

ANTONIAZZI, Alberto. Para um programa de pastoral urbana. **Vida Pastoral**, São Paulo, n.169. Disponível em: <<https://www.vidapastoral.com.br/artigos/temas-pastorais/para-um-programa-de-pastoral-urbana/>> Acesso em: 08 maio 2023.

AUGÉ, Marc. O planeta como cidade-mundo e mundo-cidade. In: SISTACH, Cardeal Luis Martínez (Org.). **A Pastoral das Grandes cidades**. Brasília: CNBB, 2016.

BERNARDINO, Angelo di. O cristianismo e as cidade. In: SISTACH, Cardeal Lluís Martínez (Org.). **A Pastoral das Grandes cidades**. Brasília: CNBB, 2016.

BERGOGLIO, Jorge Mario. Dios em la Ciudad: Palabras iniciales em el Primer Congreso Regional de Pastoral Urbana. In: BERGOGLIO, Jorge Mario... [et al]. **Dios En La Ciudad**. Primer Congreso de Pastoral Urbana. Buenos Aires: San Pablo, 2012.

BÍBLIA de Jerusalém. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

BORGHESI, Massimo. **Jorge Mario Bergoglio**: uma biografia intelectual- Dialética e Mística. Tradução de Frei Ary E. Pintarelli, ofm. Petrópolis: Vozes, 2018.

BORRAS, Alphonse. A comunicação do Evangelho na grande cidade: espaços, agentes, condições. In: SISTACH, Cardeal Lluís Martínez (Org.). **A Pastoral das Grandes cidades**. Brasília: CNBB, 2016.

BRAVO, Benjamín. O tecido eclesial e os tecidos urbanos (sociais, econômicos, culturais, religiosos). In: SISTACH, Cardeal Lluís Martínez (Org.). **A Pastoral das Grandes cidades**. Brasília: CNBB, 2016.

BRIGHENTI, Agenor. Evangelização e Pastoral Urbana. In: WOLFF, Elias; PALAFOX, Antônio Ernesto; PEREZ, Benjamin Bravo (Orgs.). **A teologia e a pastoral na cidade**: Desafios e possibilidades atuais. São Paulo: Paulus, 2021.

BRUSTOLIN, Leomar A.; FONTANA, Leandro Luis B. (orgs.). **Cultura Urbana: porta para o Evangelho**. São Paulo: Paulus, 2018.

CARO, Olga Consuelo Vélez. Pastoral Urbana e ecologia integral. In: WOLFF, Elias; PALAFOX, Antônio Ernesto; PEREZ, Benjamin Bravo. **A teologia e a pastoral na cidade: Desafios e possibilidades atuais**. São Paulo: Paulus 2021.

CASTELLS, Manuel. Anjos e demônios das grandes cidades: A metropolização do mundo e o papel da religião nos problemas sociais urbanos. In: SISTACH, Cardeal Lluís Martínez (Org.). **A Pastoral das Grandes cidades**. Brasília: CNBB, 2016

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. **Constituição Pastoral Gaudium et Spes**. In: COSTA, Lourenço (Org.). Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

CUDA, Emilce. Evangelização e Pastoral Urbana. In: WOLFF, Elias; PALAFOX, Antônio Ernesto; PEREZ, Benjamin Bravo. (Orgs.). **A teologia e a pastoral na cidade: Desafios e possibilidades atuais**. São Paulo: Paulus, 2021.

DANTAS, Erivaldo. Por uma “Igreja em saída”. **Vida Pastoral**, revista da Paulus, São Paulo, ano 61, n. 331, p. 30-37, 2020. Disponível em: <<https://www.vidapastoral.com.br/edicao/por-uma-igreja-em-saida/>>. Acesso em: 25 de mar. 2023.

FRANCISCO. **Carta Encíclica Fratelli Tutti**: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: CNBB, 2020.

\_\_\_\_\_. Carta Encíclica **Laudato Si'**. São Paulo: Paulinas, 2015.

\_\_\_\_\_. **Discurso do Papa Francisco aos Participantes no Congresso Internacional de Pastoral das Grandes Cidades**. Roma, 27 nov. 2014. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco\\_20141127\\_pastorale-grandi-citta.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141127_pastorale-grandi-citta.html). Acesso em: 08 maio 2023.

\_\_\_\_\_. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**: sobre o Evangelho no mundo atual. Brasília: CNBB, 2013a.

\_\_\_\_\_. **Exortação apostólica Gaudete et Exsultate**: sobre o chamado a santidade no mundo atual. São Paulo: Paulus 2018.

\_\_\_\_\_. Exortação Apostólica Pós-sinodal **Querida Amazônia**. Vaticano: 2020. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20200202\\_querida-amazonia.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html).

\_\_\_\_\_. **Homilia da Santa Missa crismal**. Vaticano, 28 mar. 2013b. Não paginado. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papafrancesco\\_20130328\\_messa-crismale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papafrancesco_20130328_messa-crismale.html)

GALLI, Carlos María. **Dios vive em la ciudad**: Hacia una nueva Pastoral Urbana a la luz de Aparecida y del proyecto misionero de Francisco. Buenos Aires: Agape Libros, 2011.

GODOY, Manoel José de. Uma pastoral com rosto urbano. In: BRIGHENTI, Agenor; AQUINO, Francisco Jr. (Orgs.). **Pastoral Urbana**: Novos Caminhos para a Igreja nas Cidades. Petrópolis: Vozes, 2021.

MASOTTI, Adriana. O Papa: Sinodalidade não é um slogan, significa essencialmente “caminhar juntos”. [s.l]: Vatican News. 18 setembro 2021. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-09/papa-francisco-encontro-diocese-roma-sinodalidade.html>. Acesso em: 21 mar 2023.

MURAD, Afonso. Evangelização nas cidades e conversão ecológica: Sugestões a partir das Diretrizes da CNBB. In: BRIGHENTI, Agenor; AQUINO, Francisco Jr. (Orgs.). **Pastoral Urbana**: Novos Caminhos para a Igreja nas Cidades. Petrópolis: Vozes, 2021.

ORIOLO, Dom Edson. **Evangelização nas Cidades**: Raízes na teologia do povo. São Paulo: Paulus, 2019.

PAULO VI. Exortação Apostólica **Evangelii Nuntiandi**. 05. ed. São Paulo: Loyola, 1976.

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja**; Tradução Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). São Paulo: Paulinas, 2005.

RODRIGUES, Solange S.. O Mundo Urbano: Um universo plural, diverso, complexo. In: BRIGHENTI, Agenor; AQUINO, Francisco Jr. (Orgs.). **Pastoral Urbana: Novos Caminhos para a Igreja nas Cidades**. Petrópolis: Vozes, 2021.

SUSIN, Luiz Carlos. Aspectos teológicos dos fenômenos da secularização e do pluralismo cultural. In: BRUSTOLIN, Leomar A.; FONTANA, Leandro Luis B. (Orgs.). **Cultura urbana, porta para o Evangelho: A conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades: Desafios e possibilidades atuais**. São Paulo: Paulus 2018.

WOLFF, Elias. O desafio da convivência das religiões no espaço urbano. In: BRIGHENTI, Agenor; AQUINO, Francisco Jr. (Orgs.). **Pastoral Urbana: Novos Caminhos para a Igreja nas Cidades**. Petrópolis: Vozes, 2021.